

ABAIXO O PACTO DO ATLANTICO SUL!

VOZ OPERÁRIA

Nº 414 ★ RIO DE JANEIRO, 11 DE MAIO DE 1957

A Luta de Opiniões e a Unidade do Partido

O MOVIMENTO comunista, tanto em escala mundial como dentro de cada país, está saindo mais forte e unido dos debates recentemente travados em seu seio. Esta a conclusão que se evidencia pela leitura das declarações conjuntas dos Partidos Comunistas e Operários de diversos países, assim como pelas resoluções dos congressos dos Partidos ultimamente realizados.

A DENÚNCIA dos erros ligados ao culto à personalidade, a enérgica crítica ao dogmatismo e às violações dos princípios leninistas do centralismo democrático e da direção coletiva, feitas pelo Partido Comunista da União Soviética em seu histórico XX Congresso, despertaram natural comoção em todo o movimento comunista mundial. Surgiram discussões e controvérsias nos Partidos Comunistas. Através da luta de opiniões, cada Partido tratou de analisar os problemas em debate e extrair as lições do XX Congresso e de sua própria experiência, a fim de empreender o caminho da correção dos erros.

ÉSTES acontecimentos foram aproveitados pelos círculos imperialistas, que desfecharam intensa campanha para minar a unidade e a solidariedade entre os países socialistas, para semear a vacilação e a discórdia dentro dos Partidos Comunistas. A propaganda imperialista apresentou de maneira deturpada o significado do XX Congresso, ocultando os grandiosos êxitos da construção socialista na URSS e do movimento comunista em escala mundial, exagerando caluniosamente os defeitos surgidos nesse gigantesco processo histórico de transformação da sociedade. Sob a pressão ideológica do inimigo, manifestaram-se em alguns Partidos Comunistas tendências revisionistas, de abandono dos princípios provados do marxismo-leninismo. Tais tendências levaram, em certos casos, a atividades antipartidárias, de caráter fracionista, a tentativas de romper a unidade do Partido.

FATOS recentes indicam que os Partidos Comunistas e Operários estão vencendo estas dificuldades e saindo coesos da luta interna de opiniões, dispostos a corrigir os erros do passado, mas condenando todas as tentativas revisionistas. Referimo-nos aos congressos realizados recentemente pelos Partidos Comunistas e Operários de diversos países. Entre estes se destacam as convenções dos Partidos Comunistas da Inglaterra, dos Estados Unidos e do Partido Trabalhista Progressista (comunista) do Canadá. Precisamente nestes três partidos brotaram com grande força as tendências revisionistas, que constituíram em certos casos ameaça à unidade

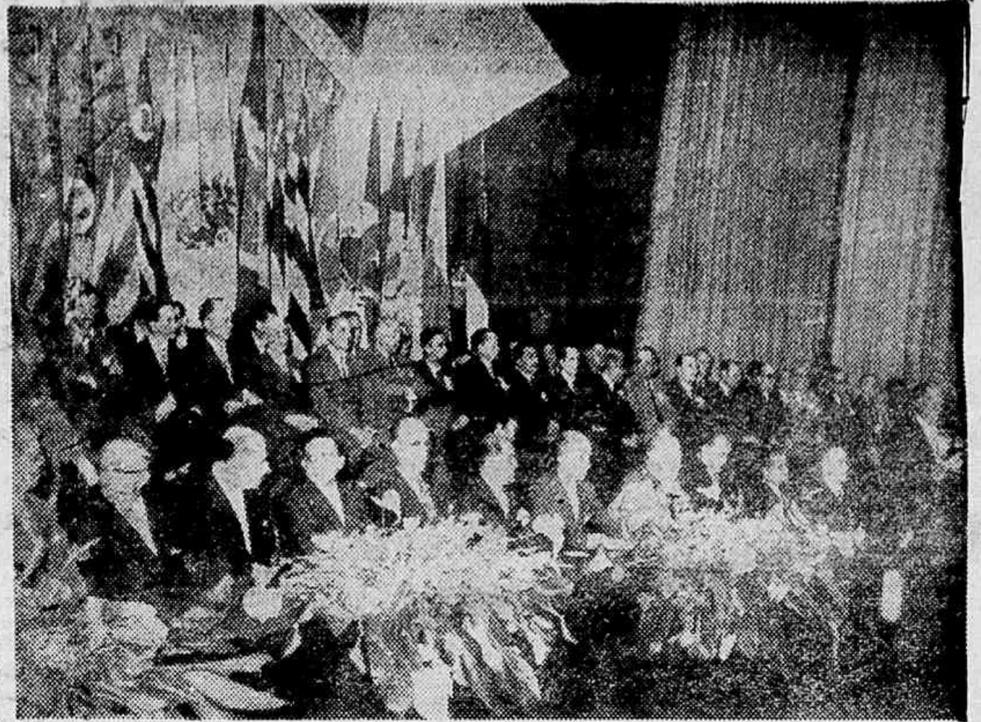
do Partido. As decisões agora adotadas repelem todos os intentos revisionistas, combatendo ao mesmo tempo o dogmatismo, as violações da democracia interna e da direção coletiva. Neste sentido se manifestaram também o Congresso do Partido Comunista Belga e o Comitê Central do Partido Comunista Português.

APESAR da diferença dos problemas concretos enfrentados em cada Partido, há um traço fundamental comum a todas essas resoluções: a reafirmação da unidade dos Partidos Comunistas e do movimento comunista mundial, a fidelidade aos princípios básicos do marxismo-leninismo, em particular ao glorioso lema de Marx e Engels — "Proletários de todos os países unidos!", — ao princípio do internacionalismo proletário.

A EXPERIÊNCIA do movimento comunista mundial comprova, assim, uma vez mais, que a aplicação dos princípios marxistas-leninistas permite aos Partidos Comunistas superar seus erros e suas divergências internas, através da luta de opiniões, sem que o Partido se enfraqueça e desagregue, mas, ao contrário, aumentando sua coesão. A luta interna de opiniões, que visa obter o fortalecimento do Partido e a correção das tendências errôneas, deve conduzir ao reforçamento da unidade do Partido. Para isso é essencial que, após as discussões, a opinião da maioria expressa nas decisões dos organismos dirigentes seja aplicada por todos os comunistas.

A CLASSE operária necessita de um Partido Comunista unido e forte à sua frente, para que possa atuar como força organizada. Não é por acaso que o imperialismo concentra seus esforços na tentativa de dividir o movimento comunista no plano mundial e os Partidos Comunistas, em cada país. O melhor serviço que se pode prestar à reação é contribuir de algum modo para essa divisão.

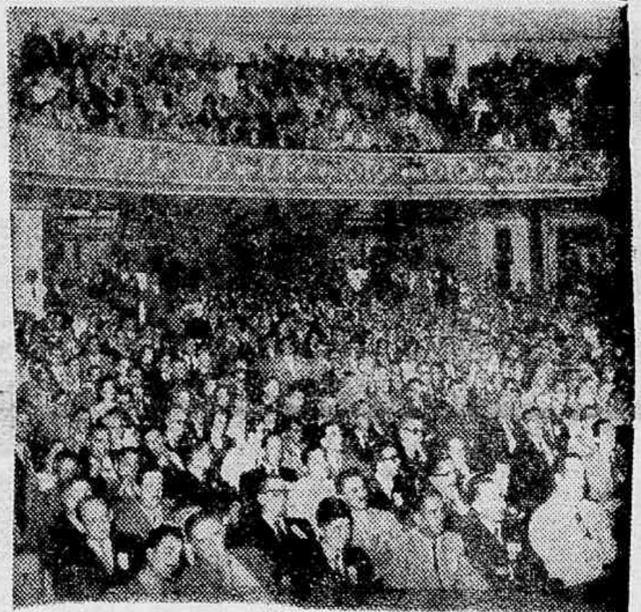
NO MOMENTO em que os comunistas brasileiros discutem a recente resolução do Comitê Central do PCB "Sobre a Unidade do Partido", é oportuno e necessário levar em conta a experiência dos Partidos irmãos sobre essa importante questão. Baseados nos princípios marxistas-leninistas e guiados pelos interesses supremos da classe operária, os comunistas brasileiros, ao mesmo tempo que empreendem a crítica e autocrítica dos erros cometidos, hão de reforçar a unidade do Partido, condição decisiva para o cumprimento de sua histórica missão.



IV Congresso Dos Municípios

Aspectos da Mesa e do plenário da reunião de instalação do IV Congresso Nacional dos Municípios, realizado no Teatro Municipal, nesta Capital.

(Leia na Terceira Página)



VISITA DE VOROCHILOV À CHINA

O Presidente do Presidium do Soviete Supremo da U.R.S.S., K. E. Vorochilov, visitou no mês de abril a República Popular da China. No clichê vemos o Presidente Vorochilov e o presidente Mao Tse Tung, no aeroporto de Pequim, quando respondiam às saudações populares. (Texto na 2.ª página).



Conferência do Atlântico Sul

— Senhores delegados: Forças chamados para assinar o Pacto e os planos já elaborados pela minha Junta Inter-Americana de Defesa. Está encerrada a Conferência.

A Visita de Vorochilov à China

Assimiu excepcional importância a visita recentemente feita à China por Vorochilov. Ao chegar a Pequim, no dia 15 de abril, o ilustre visitante foi saudado por Mao Tse Tung, cujo discurso transcrevemos a seguir, em seu texto integral: «Respeitado e querido camarada Presidente Vorochilov

Vossa visita à China é uma honra para o povo chinês e um acontecimento marcante no contínuo desenvolvimento das relações de amizade entre nossos dois países. Em nome do povo, do governo e do Partido Comunista da China, eu exprimo a vós e a todos os camaradas que vos acompanham em vossa visita nossas calorosas boas vindas e saudações fraternais.

Sob a direção do Partido Comunista da União Soviética, o grande povo soviético abriu para o proletariado de todo o mundo um glorioso caminho de revolução socialista e apresentaram a toda a humanidade um grande exemplo de construção do so-

cialismo e do comunismo. Inspirado e apoiado no povo soviético, o povo chinês está continuando pelo caminho aberto pela Grande Revolução Socialista de Outubro.

Existe uma profunda e fraternal amizade entre os povos da China e da União Soviética. O povo soviético vem nos dando a maior simpatia e apoio em nossa revolução e construção. Permitti-me exprimir sinceros agradecimentos a vós, e por vosso intermédio ao povo, ao governo e ao Partido Comunista da União Soviética.

Camarada Presidente, sou representante do grande povo soviético e um grande amigo do povo chinês. Estamos profundamente convencidos de que vossa visita fará avançar ainda mais a grande amizade entre os povos soviético e chinês, e servirá para promover a nobre causa da paz e do progresso humano.

Viva a inquebrantável amizade fraternal entre os povos da China e da União Soviética! Viva o grande povo soviético!

Viva a solidariedade dos países do campo socialista, encabeçado pela União Soviética!

Viva a paz mundial!»

O Presidente do Soviete Supremo da União Soviética, Vorochilov, respondendo a essa saudação, declarou que a amizade e a unidade entre os dois países é um grande fator da unidade entre os países socialistas e um importante pilar da paz mundial. Reafirmou que ambos os povos advogam a redução dos armamentos, a interdição das

armas nucleares, e se opõem à política de blocos. «Sentimos-nos especialmente felizes» disse Vorochilov «de que, na luta pela paz, pela democracia e pelo socialismo, os povos de nossos dois países estejam marchando ombro a ombro, unindo estreitamente suas fileiras, e ajudando-se e apoiando-se mutuamente».

A 17 de abril Vorochilov foi recebido pelo Congresso Nacional do Povo Chinês, onde foi saudado por Liu Shao Chi. No importante discurso então pronunciado, Vorochilov declarou que «ao desenvolvermos a democracia soviética, estamos acompanhando de perto e inspirando-nos no magnífico desenvolvimento de formas particulares de democracia na República Popular Chinesa».

Em Shangai, acompanhado por Liu Shao Chi, Vorochilov falou em um grande comício de 250.000 pessoas. «A unidade da China e da União Soviética será sempre uma séria advertência às tenebrosas forças da agressão e do imperialismo», declarou ele, em meio a entusiásticas aclamações.

O acolhimento dado a Vorochilov pelo povo chinês, em todas as regiões que percorreu, foi extraordinariamente caloroso. A visita de três semanas do Presidente do Soviete Supremo da URSS à República Popular da China constituiu mais uma importante demonstração do reforçamento da unidade, com que os países do campo socialista deram resposta eloquente às tentativas de desagregação realizadas pelo imperialismo.



ESTREITAM-SE AS RELAÇÕES ENTRE A CHINA E A POLÔNIA — Na foto acima, o Presidente Mao Tse Tung saúda Josef Cyrankiewicz, presidente do Conselho de Ministros da Polônia e chefe da delegação do governo polonês que visitou recentemente a China Popular. Por essa ocasião foi assinada uma importante declaração conjunta entre os dois governos.

Crise Política na Colômbia

A revelação da intenção do ditador colombiano Rojas Pinilla de fazer-se «re-eleger» presidente da República, para o período 1958-1962, pela «assembléia constituinte» por ele próprio nomeada, provocou um súbito agravamento da crise política naquele país. Acirram-se ainda mais as contradições entre setores das classes dominantes e desenvolveram-se rapidamente os protestos populares. Verifica-se na Colômbia o surgimento de um amplo movimento pela volta à legalidade constitucional e pelo restabelecimento das liberdades democráticas, movimento

este que abrange forças as mais heterogêneas.

Ao mesmo tempo que 180 Industriais da cidade de Medellín enviavam a Pinilla uma carta em que pediam «o pleno retorno a um regime democrático representativo e a convocação imediata de eleições honestas e livres», os estudantes dessa cidade, de Cali e de Bogotá declararam-se em greve. O candidato opositor potencial, apresentado pela Frente Cívica Liberal-Conservadora (coalizão de setores opositores dos dois principais partidos das classes dominantes), foi preso, a pretexto de ser «pro-

tegido» contra atentados de adversários. Tentando apagar a oposição, o ditador pronunciou um discurso em que prometeu deixar o governo antes de findo o período 1958-62, entregando-o a um vice-presidente «que seria escolhido pelas forças armadas e pela assembléia constituinte».

No entanto, os protestos populares, liderados pelos estudantes, ensifimaram-se e atingiram nível mais alto, originando choques violentos com a polícia, em diversos pontos do país, com numerosos mortos e feridos. Os reitores das seis universidades do país publicaram uma declaração conjunta suspendendo as aulas, e doze jornais interromperam sua publicação.

Ante a ameaça de uma greve geral, Rojas Pinilla decidiu ocupar a cidade de Bogotá por forças motorizadas do exército, estabelecendo além disso rigorosa censura nas comunicações com o exterior.

Em consequência da gravidade da situação foi cancelada a visita que cinco altos dirigentes militares colombianos deveriam fazer aos Estados Unidos, a convite do secretário da defesa Charles Wilson. O ditador Pinilla, fortemente apoiado pelo imperialismo norte-americano promoveu nos últimos anos, uma intensiva militarização do país, que agravou consideravelmente as condições de vida já difíceis de todo o povo.

O PROBLEMA ALEMÃO E A REUNIÃO DA OTAN

Cresce na Alemanha Ocidental a oposição ao armamento atômico do exército reevolucionista de Adenauer. Expressão elevada dessa oposição foi a declaração dos 18 cientistas, que pôs em séria dificuldade o governo de Bonn. Os socialistas iniciam com grande sucesso sua campanha para as eleições gerais deste ano, baseando-se na condenação veemente dos projetos atômicos de Adenauer, e na tese de que a reunificação da Alemanha só será possível se a República Federal se retirar da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte).

Na recente reunião do Conselho da OTAN, realizada em Bonn, verificou-se um esforço desesperado dos mais ferrenhos belicistas para neutralizar a influência cada dia maior das idéias de paz e de coexistência pacífica, entre o povo alemão. O chanceler Adenauer, no discurso de abertura, afirmou que «não se provocaria uma trégua neutralizando a Alemanha» e investiu contra a proposta soviética de criação de uma zona de limitação e inspeção dos armamentos na Europa, abrangendo a República Federal e a República Democrática Alemã. O Conselho da OTAN estudou além disso medidas para dotar as forças armadas dos países

membros com armas atômicas e foguetes teleguiados «desde o Ártico até o Mar Egeu». Foster Dulles e Adenauer mantiveram encontros reservados. No entanto o comunicado final teve que admitir a hipótese da «conclusão de um acordo aceitável sobre o desarmamento», e, logo após o término da reunião anunciou-se que o primeiro ministro inglês, Mac Millan decidiu aceitar o convite de Bulganin para uma visita à União Soviética, aguardando apenas os resultados das eleições gerais de setembro na Alemanha Ocidental para fixar a data da viagem.

Verifica-se assim que as enérgicas advertências do governo da URSS contra a instalação de bases militares atômicas norte-americanas em diversos países europeus da OTAN, e a crescente vigilância e atuação das forças da paz, inclusive dentro da própria Alemanha Ocidental, já começam a produzir resultados, apesar das solenes afirmações em contrário de certos governantes europeus. Aumentam assim as possibilidades de serem dados em futuro próximo os primeiros passos no caminho do desarmamento, começando por uma trégua nas experiências com bombas nucleares.



Agrava-se a Tensão No Oriente Médio

CONSUMOU-SE a aplicação da «doutrina Eisenhower» à Jordânia. Trata-se de um fato grave, que constitui severa advertência àqueles que ainda subestimam os perigos da atual ofensiva imperialista, em sua tentativa desesperada de barrar o crescimento impetuoso das forças da paz e do socialismo. O que aconteceu na Jordânia comprova a necessidade de mobilizar os povos em todo o mundo para derrotar todas as maquinacões do imperialismo contra a paz e a independência das nações. Ao analisar as ocorrências no pequeno país árabe, cometeríamos no entanto erro igualmente grave se omitíssemos os fatores positivos, que ponderaram, e justificam a conclusão de que, apesar do atual agravamento temporário da situação internacional, as forças da paz são cada vez mais fortes, capazes de assegurar uma perspectiva de desafio e progresso, desde que atuem unidas e vigilantes.

Tudo o movimento democrático foi golpeado na Jordânia. Enquanto a sexta-esquadra norte-americana realizava demonstrações de força ao longo da costa do Líbano, e desembarcava mesmo um regimento de fuzileiros navais em Beirute, o rei Hussein dissolvia todas as organizações sindicais e partidos políticos, e montava tribunais militares para julgar os patriotas, a exemplo do que fez o Xá da Pérsia após a queda de Mossadegh.

A vitória dos agentes do imperialismo norte-americano só foi possível por meio de um golpe antidemocrático, apoiado em forças militares do Iraque, país membro do Pacto de Bagdá. Os imperialistas norte-americanos sabem, porém, que não podem ter nenhuma confiança na estabilidade do novo governo, que tem contra si a oposição total do povo e da maioria do exército, refletida na condenação unânime exprimida ao rei por todos os antigos partidos políticos. O movimento de massas, democrático e de libertação

nacional, já havia atingido na Jordânia um nível de consciência e mobilização bastante elevado para que possa ser aniquilado, sejam quais forem as medidas repressivas adotadas. Basta que se recorde a maneira como as massas populares impuseram, há alguns meses, a expulsão do agente britânico John Glubb Pachá, que, naturalizado jordano, comandava as forças armadas do país.

Mas a mais expressiva resposta do mundo árabe ao golpe norte-americano na Jordânia foi dada, três dias após, pelo povo vizinho da Síria. As eleições complementares realizadas em Damasco e outras localidades desse país se transformaram em demonstração de repulsa à doutrina Eisenhower, e deram a vitória aos candidatos, de vários partidos, que lutam contra a ingerência imperialista e apoiam a firme política de paz e defesa da soberania nacional seguida pelo atual governo sírio. As eleições na Síria constituíram amarga decepção para os imperialistas norte-americanos, que contavam com o êxito de intrigas, manobras e intimidações promovidas por Washington.

O sucesso ocasional da ofensiva norte-americana na Jordânia não intimidou os povos árabes, como o provam também as enérgicas reações oficiais e populares no Egito. A doutrina Eisenhower ficou completamente desmascarada, mesmo para aqueles que ainda alimentavam algumas ilusões sobre a «ajuda» norte-americana aos países do Oriente Próximo e Médio. Os povos árabes vêem agora mais claro o perigo, e sabem que podem contar com o apoio dos países socialistas, com a União Soviética à frente, e dos demais países da «zona de paz», além da solidariedade de todos os povos do mundo. Irão certamente reforçar ainda mais a sua unidade e resistência aos planos colonialistas e agressivos do imperialismo. A aventura iniciada na Jordânia estará assim condenada ao fracasso.

Expressão da Política Entreguista e Antipopular

RECEBIDO COM FRIEZA O DISCURSO DO SR. KUBITSCHKEK NO 1.º DE MAIO — ESTRANHO «NACIONALISMO» DO GOVERNO QUE ENTREGOU FERN. DE NORONHA

Os últimos acontecimentos políticos demonstram que o governo do sr. Juscelino Kubitschek, ao executar uma política entreguista e antidemocrática, vem se afastando cada vez mais dos amplos setores populares que o elegeram.

Exemplo frisante disso foi a atitude dos trabalhadores em face do governo nas comemorações do Primeiro de Maio. Ao contrário do que sucedeu no ano passado, quando as massas trabalhadoras depositavam esperanças no governo recém-eleito com seu apoio, este ano as manifestações operárias se caracterizaram pela frieza diante das promessas governamentais, repetidas em tom vago e abstrato pelo sr. Kubitschek.

UM DISCURSO DECEPCIONANTE

O discurso que o chefe do governo dirigiu aos trabalhadores na concentração do estádio de São Januário foi recebido sem nenhum entusiasmo pela massa operária. Não se encontra qualquer resposta aos problemas angustiosos e candentes que preocupam a população trabalhadora no momento atual. Apesar de pretender falar aos operários «como um trabalhador» e dedicar-se por longo tempo à exploração

dêse tema de efeito demagógico fácil, o Presidente da República revelou estar distanciado dos interesses populares e mais preocupado com as divergências entre o agrupamento de forças políticas que o sustentam no poder e o agrupamento da oposição.

AS CONTRADIÇÕES DE JK

Grande parte da fala presidencial foi ocupada com a denúncia de «conjurções», movidas por «interesses políticos contrariados» que se empenham em «marçar» acesa a chama da desordem». O sr. Kubitschek acusou as forças que se opõem ao governo de sabotar o seu programa de «desenvolvimento» do país. Referia-se às contradições que se agravam entre os diversos grupos das classes dominantes e se expressam agora de forma aguda no chamado «caso Lacerda».

O Presidente da República afirmou que a oposição pretende impedir «que o Brasil explore suas riquezas» e é contra a legislação trabalhista. No entanto, o sr. Kubitschek não pode apresentar-se ao povo como nacionalista no preciso momento em que o seu governo entrega Fernando de Noronha aos imperialistas americanos. Nem pode reivindicar o título de amigo dos trabalhadores um

governo que vem se recusando a tomar medidas concretas em favor dos interesses operários. Al está o recente veto de JK contra os direitos dos ferroviários para mostrar a verdadeira face do seu governo.

O FALSO MILAGRE

Depois de algumas frases dramáticas, o Presidente anunciou com grande ênfase que «a ascensão dos preços dos gêneros de primeira necessidade está sendo enfim, detida» e que «baixam de maneira sensível alguns produtos». Esta declaração foi recebida com total incredulidade pela massa de trabalhadores, cujos orçamentos domésticos já teriam acusado qualquer rebaixa de preços, se tal ocorresse na realidade. O que os fatos revelam, no entanto, é o aumento inexorável da carestia da vida, e as provas concretas disso estão nos recentes e numerosos movimentos operários por aumento de salários.

UM ESTRANHO «NACIONALISMO»

Pretendendo justificar seu afastamento das posições nacionalistas que adotou durante a campanha eleitoral, o sr. Kubitschek procurou distinguir vários tipos de nacionalismo e definir o «nacionalismo que convém ao

Brasil», segundo o seu ponto de vista.

Com todo seu fraseado supostamente patriótico, o Presidente não pode, porém, vencer o povo brasileiro de que é «nacionalismo» entregar a ilha brasileira de Fernando de Noronha aos militaristas dos Estados Unidos, ato de alienação da soberania nacional que macula o atual governo.

CONTRA A POLITICA ENTREGUISTA

O povo brasileiro e, em particular os trabalhadores, não se deixa enganar e se dispõe a lutar contra a política entreguista e antidemocrática que vem executando o governo do sr. Kubitschek.

Essa disposição se manifesta nas vigorosas lutas operárias que surgem em todo o país — dos marítimos, dos ferroviários, dos metalúrgicos, dos têxteis. Manifesta-se no movimento nacional contra a entrega de Fernando de Noronha e contra o Pacto do Atlântico Sul, o qual se estende com o apoio dos estudantes e de outras camadas populares. Nestas lutas se forja a unidade das forças patrióticas e democráticas, que há de levar à derrota os planos dos imperialistas americanos e dos seus agentes internos.

ABAIXO O PACTO DO ATLÂNTICO SUL!

Está de partida para Buenos Aires a delegação do governo brasileiro à Conferência de Defesa do Atlântico Sul, que se reunirá no próximo dia 17. Presidida pelo Almirante Renato Guilhobel, a delegação leva as instruções que foram assentadas em recente reunião realizada no Itamarati e em que tomaram parte os ministros militares e os chefes dos respectivos estados-maiores. Os demais países que participarão da Conferência, são a Argentina, o Uruguai e o Paraguai, que segundo o noticiário da imprensa, juntamente com o Brasil estudarão os planos de defesa do Atlântico Sul e as áreas de ação de cada país em caso de novo conflito mundial.

Trata-se de uma conferência internacional convocada por recomendação da Junta Interamericana de Defesa, que a dirigirá e apresentará já traçados os planos militares.

Significará a conferência mais um passo na sequência de medidas de preparação de guerra dos imperialistas norte-americanos, que em toda parte estão formando blocos militares agressivos. A formação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) agravou a situação internacional e seus frutos mais amargos estão agora sendo colhidos pelos países que a ela submetem as suas forças armadas. As despesas militares decorrentes do Pacto do Atlântico Norte estão esmagando os povos da Europa Ocidental e é insustentável a situação financeira da Inglaterra, França, Alemanha Ocidental e Itália. O governo inglês já está tentando a revisão de suas obrigações e da própria estratégia de suas forças militares numa tentativa de sobrevivência do gabinete conservador. O governo italiano está em crise e na França se aproxima a hora final do gabinete Guy Mollet, que enfrenta um movimento de revolta da opinião pública francesa ante a nomeação do antigo general nazista Speidel para comandante das forças da OTAN. Na Alemanha Federal, o governo Adenauer caminha para a derrota nas próximas eleições, principalmente em consequência da recente decisão da OTAN de equipar as tropas alemãs com armas atômicas.

Igualmente os países do Pacto de Bagdá, assim como os do Sudeste Asiático (OTASE), estão com as suas forças militares controladas pelos belicistas ianques e enfrentam insuperáveis crises financeiras decorrentes da corrida armamentista em que se atiraram.

Precisamente quando o povo brasileiro levanta em toda parte o seu protesto ante a entrega de Fernando de Noronha para base de agressão atômica, dá o governo do sr. Kubitschek mais um perigoso passo no caminho da completa subordinação do país e de suas forças armadas aos dispositivos militares agressivos do governo norte-americano.

Entrega de bases em todo o Nordeste, ocupação de nosso território, sua exposição aos horrores da guerra atômica, transformação do país e de suas forças armadas em peça dos planos agressivos ianques, com todo o cortejo de perigos e obstáculos ao desenvolvimento democrático e ao movimento de emancipação de nossa pátria, tais são os elos da política exterior do governo Kubitschek, que agora envia a sua delegação para um próximo Pacto do Atlântico Sul.

Unindo nossa ação à do povo argentino, que neste momento denuncia com vigor o verdadeiro significado da Conferência, derrotaremos afinal a política de entreguismo e capitulação do governo Kubitschek, cujas consequências para o povo já estão à vista e despertam em todo o nosso país um invencível movimento de defesa dos mais vitais interesses populares e nacionais.

Grandiosa Manifestação Patriótica O IV Congresso Nacional dos Municípios

DEBATE CALOROSO E TOMADA DE POSIÇÃO FRENTE AOS MAIS RELEVANTES PROBLEMAS MUNICIPAIS E NACIONAIS

Ao reunir, na capital da República, cerca de 2.500 delegados dos municípios de todo o Brasil, o IV Congresso Nacional de Municípios, com debates calorosos, teses, moções e resoluções, apresentou um retrato vivo de nosso país: em seu plenário encontraram não só as aflições e problemas das populações do interior, como as mais importantes questões nacionais econômicas, sociais e políticas.

Os prefeitos e vereadores do interior, em discursos e apertes inflamados e por vezes angustiosos, descreveram as difíceis condições de vida das populações que representam e os esforços das prefeituras e câmaras locais para melhorar a sorte de seus municípios.

Ficou evidenciada a situação de pauperismo não só dos pequenos mas também dos grandes municípios: a maioria deles não conhece nenhum dos

serviços modernos comuns a qualquer ajuntamento humano, ou sejam, água encanada, esgotos e energia elétrica. Não possuem assistência médica e hospitalar e faltam professores primários porque as prefeituras não lhes podem pagar sequer o salário mínimo regional.

A falta de recursos financeiros, para atender às mais ínfimas exigências municipais, foi a questão que centralizou as atenções dos congressistas que denunciaram unanimemente o intolerável sistema atual de distribuição dos pesados impostos arrecadados ao povo brasileiro. Enquanto a União fica com quase toda a arrecadação — contando com um orçamento cujas despesas militares crescentes esmagam o nosso povo, — aos Estados, e principalmente aos municípios, tocam partes mínimas e até ridículas da soma total de dinheiro arrecadado. A luta por nova discriminação de rendas favorável aos municípios, que envolve alteração da Constituição, teve o apoio unânime do Congresso e deverá ser levada avante pela Associação Brasileira de Municípios.

Os debates refletiram os anseios das populações do interior pela reforma agrária e a consciência que já têm de que sem a solução adequada do problema da terra não é possível alterar a situação de pauperismo da imensa maioria do povo brasileiro. Foi recomendado (Conclui na oitava página).

E' Preciso Deter o Braço Dos Carrascos do Povo Cubano

A ditadura militar de Fulgêncio Batista continua ensanguentando a terra cubana. Apoiada pelos imperialistas norte-americanos, a quem serve dócilmente, a camarilha assassina comandada por Batista executa, com particular ferocidade, a tarefa de conter as lutas pela libertação do povo cubano. Superando em terror as ditaduras sanguinárias de Aramburu, Ibañez, Rojas Pinilla, Stroessner, Trujillo, Somoza e Jimenez, o laço cubano dos trustes ianques do açúcar está dizimando a mocidade universitária que bravamente luta ao lado de seu povo.

Sómente durante o mês de abril, centenas de estudantes foram assassinados pela polícia, entre os quais três presidentes da Federação Estudantil Universitária de Cuba: os jovens Echeverria, Rodriguez e a universitária Amparo Chapple, foram sucessivamente eleitos por seus colegas e fuzilados pela polícia.

A UNE, através do seu Conselho Nacional dos Estudantes, acaba de ratificar a decisão do recente Congresso Latino-Americano de Estudantes que deliberou a deflagração de uma greve geral de âmbito continental, no próximo dia 20, de protesto contra os crimes da ditadura cubana e que servirá como advertência de que os estudantes latino-americanos estão unidos na luta de seus povos pela democracia e pela liberdade. Já no dia 6 passado entrou em greve a Faculdade Nacional de Filosofia, tendo protestado junto à embaixada cubana e proposto à UNE uma campanha nacional de protesto contra os crimes da ditadura Batista.

Não somente a nossa mocidade estudantil, mas todo o povo brasileiro deve neste momento solidarizar-se com a luta do povo cuba-

no e de sua heróica juventude. A luta dos povos latino-americanos pelas liberdades e pela independência nacional é uma só e está dirigida contra o nosso inimigo comum, o imperialismo ianque, seus lacaios e seus métodos liberticidas.

Não podemos admitir que se consuma a tentativa sinistra da polícia do governo Kubitschek, que tentou embarcar à força, no Galeão, dia 7 último, o estudante cubano Manuel Vega Suarez, preso nesta Capital, e que só não foi entregue aos carrascos de Batista porque a Varig negou-se a aceitar passageiro sob coação.

«Não toleraremos que Vega seja expulso pelo governo brasileiro para ser fuzilado em solo cubano», declarou à imprensa o acadêmico José Batista, presidente da UNE.

Os estudantes, terminada a reunião do Conselho Nacional, dirigiram-se para a residência do Ministro do Exterior, exigindo a sua intervenção no caso, e impetraram ao Supremo Tribunal uma ordem de habeas corpus.

A vil tentativa da polícia do sr. Kubitschek bem exprime o sinistro apoio recíproco que se prestam, os governos que capitulam ante a dominação imperialista. Em contra-partida, impõe-se o fortalecimento dos laços de solidariedade entre os povos latino-americanos em sua luta comum.

O vigoroso protesto de todos os povos e da mocidade universitária da América Latina há de deter o braço dos carrascos do povo cubano.

A unidade e a solidariedade entre os movimentos democráticos e de independência nacional em nosso continente serão fatores decisivos da vitória contra o inimigo comum.

Nota do Comitê Regional do Rio

Recebemos, com pedido de publicação, a seguinte nota: «O Comitê Regional do Rio, após ampla e democrática discussão, resolve dar seu inteiro e caloroso apoio às resoluções do Comitê Central sobre «a situação política e nossas tarefas atuais» e «sobre a unidade do partido», determinando a todos os organismos da região a sua imediata discussão.

O Comitê Regional do Rio considera a resolução sobre «a situação política e nossas tarefas atuais» documento da maior importância para o desenvolvimento da atividade do partido junto às massas tendo em vista derrotar a política antinacional e antipopular pela qual entregou o governo do Sr. Juscelino Kubitschek, com a entrega de Fernando de Noronha aos imperialistas norte-americanos.

O Comitê Regional do Rio considera a resolução «sobre a unidade do partido» instrumento através do qual seus membros encontrarão a orientação e os ensinamentos necessários para no momento defender e preservar a unidade do partido.

O Comitê Regional do Rio está convicto de que, com essas duas resoluções em suas mãos, todos os organismos e militantes do Partido, unidos em torno do Comitê Central e do camarada Prestes, se empenharão com entusiasmo e redobrado vigor na luta pela expulsão dos imperialistas americanos do solo de nossa pátria.

Maio de 1957
O COMITÊ REGIONAL DO RIO DO PCB

Resolução do Partido Comunista Português

SÔBRE O CULTO À PERSONALIDADE E SUAS CONSEQUÊNCIAS

O Partido Comunista Português publicou importante resolução do seu Comité Central, sobre o culto da personalidade, da qual transcrevemos os trechos que se seguem.

REUNIDO para apreciar a forma como têm sido aplicadas as normas leninistas do método de direcção colectiva no Partido, o Comité Central verificou que estas normas foram substituídas desde a fundação do Partido, em larga medida, por um errado e nocivo método de direcção individual que conduziu a graves infrações aos princípios do centralismo democrático e facilitou o aparecimento do culto da personalidade.

O Comité Central adotou uma série de medidas para que sejam aplicados de maneira efetiva em todo o Partido, a começar pela sua Direcção, os princípios leninistas do trabalho coletivo de direcção e do centralismo democrático. O Comité Central tomou igualmente medidas para a correção e reparação dos erros originados pelo culto da personalidade no Partido.

O culto da personalidade, cujas consequências negativas se fizeram sentir no nosso Partido, é um fenómeno estranho ao marxismo-leninismo. É uma herança da política burguesa que pratica o elogio dos seus dirigentes individualmente, apaga a ação criadora do Partido e das massas, debilita o espírito crítico dos membros do Partido e conduz à substituição do trabalho coletivo.

O desenvolvimento do culto da personalidade nas fileiras do nosso Partido está estreitamente relacionado com o aparecimento deste fenómeno negativo no movimento comunista internacional. O culto do camarada Stalin no Partido Comunista da União Soviética e no nosso próprio Partido é o exemplo mais vincado e generalizado deste erro de caráter histórico.

O Mérito do PCUS

Como ao Partido Comunista da União Soviética o grande mérito de contribuir decisivamente para a eliminação do culto da personalidade e das suas consequências ao descobrir e denunciar as raízes históricas e ideológicas deste fenómeno estranho aos princípios do marxismo-leninismo. O grande mérito de armar ideologicamente os partidos comunistas e o movimento operário internacional contra esta grave deformação dos princípios do marxismo-leninismo, coube ainda ao Partido Comunista da União Soviética com a discussão travada no XX Congresso e a publicação da «Resolução sobre a Eliminação do Culto da Personalidade e das suas Consequências», cujo estudo atento se recomenda a todos os membros do nosso Partido.

AUTORITARISMO E DOGMATISMO

O culto da personalidade e a ausência do trabalho coletivo atingiram todas as organizações do Partido nos diversos escalões, tendo conduzido à quebra de confiança na base do Partido e nas massas. O autoritarismo e o dogmatismo transformaram-se numa prática corrente em todos os escalões do Partido. Qualquer controlador, de cima a baixo, arrogava-se o direito de falar abusivamente em nome de todo o Partido e era frequente que as ordens dadas autoritariamente e individualmente substituísem a discussão e o trabalho coletivo. As organizações do Partido deixaram de ter vida política, passaram a fechar-se ainda mais e a isolar-se das massas, tendo perdido muito de sua combatividade. A ausência do trabalho coletivo não permitiu que se revelasse o espírito criador dos membros do Partido. Uma grande parte das resoluções não eram nem podiam ser cumpridas dadas as debilidades orgânicas existentes, e a materialização da linha do Partido era, a maioria das vezes, realizada pelos camaradas de forma individual e não em ligação com as massas, o que tornava os membros do Partido alvo fácil da repressão fascista. Em resultado desta situação, mesmo nos locais onde obtínhamos êxitos, não era possível consolidá-los e ampliá-los, o que nos conduzia para situações de recuo e a um isolamento cada vez maior. O princípio leninista de direcção coletiva foi assim grosseiramente



ALVARO CUNHAL, secretário do PC Português

violado e substituído, aos poucos, do topo à base, pelo errado método de direcção individual.

O Comité Central concluiu que no nosso Partido existiu, a par do culto da personalidade em geral, o culto do Secretariado em particular. Como foi isto possível?

ERROS E ÊXITOS DO PARTIDO

O culto do Secretariado foi possível e facilitado pelas anormalidades no trabalho de direcção coletiva atrás enunciadas, relacionadas com a sobreposição do Secretariado do Comité Central ao próprio Comité Central. Por este fato, o Secretariado colocou-se acima do Partido tendo ganho e alimentado a idéia de que os camaradas que o compunham eram dentro do Partido os únicos capazes de realizar determinadas tarefas. Isto facilitou o culto do Secretariado como organismo e o culto das personalidades dos camaradas que o compunham. Por outro lado, apesar dos erros e formas defeituosas da vida interna do Partido já enunciadas, foram alcançados pelo Partido importantes e notáveis êxitos consubstanciados nas importantes greves operárias e camponesas e nos milhares de pequenas e grandes lutas políticas e económicas. O Partido aumentou os seus efetivos e alcançou prestígio em escala nacional e internacional pela luta consequente que conduziu na defesa dos interesses da classe operária e do nosso povo.

O Partido manteve sempre no fundamental, fidelidade intransigente aos princípios ideológicos do marxismo-leninismo, educando os seus membros no espírito da fidelidade sem limites à causa da classe operária e do povo, à defesa dos interesses nacionais e no espírito do internacionalismo proletário e da amizade e solidariedade entre os trabalhadores e os povos de todos os países. A posição de firmeza contra o desvio político conhecido por política de transição, é uma prova evidente da fidelidade do Partido a estes princípios.

Este apreciável volume de êxitos positivos, a que está ligada a ação do Secretariado, não nos deixou compreender que êstes e outros êxitos eram e são o fruto, não da ação do Secretariado, não deste ou daquele camarada ou organismo, mas de todo o Partido do topo à base e da ação das massas. Assim se desenvolveu o culto do Secretariado do Comité Central como organismo e se fomentou o culto da personalidade em todo o Partido, a começar pelos membros do Secretariado individualmente.

ERROS TEMPORÁRIOS E PARCIAIS

Cabe aqui afirmar que a esta situação não é estranho o reflexo do culto à personalidade e dos métodos anti-leninistas que então respirava todo o movimento operário internacional. Independentemente da influência e das características pessoais dos camaradas do Secretariado, e quaisquer que fossem êsses camaradas ou as suas características, sempre, numa base maior ou menor, a direcção do nosso Partido seria atingida por um clima que é fruto da situação histórica que atravessou o movimento comunista em todos os países. Quaisquer que fossem os membros do Comité Central do nosso Partido, para se comportarem como marxistas-leninistas teriam que estar atentos aos ricos exemplos do Partido Comunista da União Soviética, dele colheriam os inúmeros e fundamentais ensinamentos dados pelos seus êxitos e, também, inevitavelmente, à influência dos erros temporários e parciais introduzidos na vida do grande Partido Soviético pelos erros de Stalin, que estão indissolúvelmente ligados ao fato dos grandiosos êxitos da construção do primeiro Estado Socialista do mundo e do rápido avanço do movimento em todos os países se terem operado num prazo histórico muito curto.

Quaisquer que fossem os

dirigentes do nosso Partido, eles teriam fatalmente refletido no seu trabalho de direcção os fenómenos negativos que se desenvolveram no movimento comunista internacional, teriam recebido a influência do culto à personalidade existente em escala internacional e vivo em nós, comunistas portugueses, desde a fundação do Partido e transmitido como herança que a clandestinidade e a repressão agravaram ao longo dos anos. É lógico que se existiam êstes defeitos nos órgãos superiores do Partido as suas consequências repercutiram-se em toda a organização imprimindo-lhe o seu cunho.

POSICÕES SECTARIAS

O culto da personalidade, agravado pela presunção e falta de modéstia, criou o dogmatismo que se baseia na falsa concepção da infalibilidade de certos dirigentes do Partido, debilitou o papel de crítica e autocrítica, conduziu progressivamente a um método de trabalho que não tomava em conta as opiniões dos quadros e mesmo as sufocava, quando opostas às da direcção do Partido.

Foi o dogmatismo, aliado à falta de direcção coletiva e do centralismo democrático e ao baixo nível político e ideológico, que nos conduziu a erros de caráter político e a uma defeituosa política de quadros.

O dogmatismo levou-nos a posições sectárias em relação à política de unidade com as outras forças democráticas. A falta de maleabilidade política com democratas de outras tendências, partia da posição dogmática de se considerar que todos os que não concordassem com os nossos pontos de vista não cabiam na unidade. Daqui o não termos sabido valorizar o que nos aproximava e de classificarmos de oportunistas pessoas com as quais nos podíamos entender. O dogmatismo teve, portanto, graves consequências na condução da política de unidade com as outras forças democráticas como se constatou na reunião do Comité Central, de maio de 1956.

ERROS NA POLÍTICA DE QUADROS

Por uma falsa concepção da infalibilidade dos dirigentes e pelo apagar do papel da crítica e da auto-crítica, aliados ao clima existente no movimento comunista internacional, profundamente influenciado pelos erros de Stalin e pela sua defeituosa forma de vigilância em defesa do Partido e das conquistas

do Socialismo, no último período de sua vida, foi transplantado mecânicamente para o nosso Partido um clima menos são em que a vigilância se confundia com a desconfiança no trato com os quadros.

Este fenómeno, que é também uma consequência do culto da personalidade manifestou-se, freqüentemente, na sufocação das críticas a partir da base, em apreciações superficiais sobre os quadros e na aplicação de sanções menos justas. Manifestou-se ainda no autoritarismo, na rispidez e noutras formas menos corretas e menos respeitadas nas relações entre os quadros. Na maioria dos casos, êstes eram sancionados sem sequer serem ouvidas as suas razões. Esta errada política de quadros, que se generalizou em todo o Partido, teve um relevo acentuado na sua Direcção, e, em particular, no Secretariado do Comité Central.

MAIORES OS ÊXITOS DO PARTIDO

Os erros cometidos no passado, atrás analisados, tanto no que se refere à linha política do Partido, como na aplicação dos princípios orgânicos do centralismo democrático e no trabalho de direcção coletiva, por muito graves que tenham sido, não se comparam ao enorme volume de êxitos e ao trabalho positivo do Partido em todas as esferas da sua atividade. Sob o fogo constante dos inimigos

CENTRALISMO E DEMOCRACIA

Importa para isso ter presente a indissolubilidade dos dois princípios do centralismo e da democracia interna no Partido, já definidos no Informe de Organização apresentado pelo Comité Central ao II Congresso ilegal. Nele se diz acertadamente que centralismo significa que todas as organizações do Partido se subordinam a um único centro: a direcção do Partido e que as diretrizes desta «não só não podem ser alteradas por qualquer outro escalão do Partido, como devem ser por ele cumpridas», o que pressupõe uma disciplina consciente de todos os membros do Partido. Por sua vez, a democracia interna do Partido significa a apreciação e discussão ampla e livre, dentro de cada organização do Partido, de toda a sua orientação e atividade, que as decisões são tomadas de uma forma democrática, que todos os organismos de direcção devem ser designados por eleição, que os organismos de direcção dão contas da sua atividade às organizações respectivas e que os membros do Partido têm direito e o dever de criticar, no seu escalão, a orientação e a atividade de todo o Partido.

Se bem que, nas condições de clandestinidade, nem todas estas normas leninistas possam ser aplicadas, esta restrição não deve servir de pretexto para se deixar de aplicar estes princípios sempre que possam ser aplicados, e nunca com o predomínio do centralismo sobre a democracia interna ou desta sobre aquela. No nosso Projeto de Estatutos já êstes princípios imutáveis do Partido estão consignados como Lei do Partido e como tal devem ser estudados e aplicados desde já na prática.

O Comité Central chama a atenção de todo o Partido para a necessidade de estarmos vigilantes e não permitir que, debaixo da capa da retificação dos erros cometidos, se caia no revisionismo e na prática do liberalismo pequeno-burguês, estranhos aos princípios do marxismo-leninismo.

Reafirmação de Princípios Pelos Comunistas Canadenses



TIM BUCK

A sexta Convenção do Partido Trabalhista Progressista canadense elegeu, por esmagadora maioria, Tim Buck para líder nacional do partido e Jacob Penner para presidente. Após várias sessões, de calorosos debates, os delegados aprovaram uma «Declaração sobre o Partido» e rejeitaram as propostas de dissolução do partido assim como as que visavam diminuir o papel de vanguarda que lhe cabe no crescente movimento operário no Canadá.

A declaração sobre o Partido dos comunistas canadenses,

pertencemos a um partido político da classe operária, fruto das aspirações socialistas. Somos aquela parte do movimento operário que aceita a ciência do marxismo-leninismo como um guia para a vitória do socialismo no Canadá, certa de que, como resultado de nosso trabalho eficiente, esta ciência se tornará patrimônio de milhões de nossos compatriotas.

«Nosso partido se baseia na convicção de que um novo Estado e um novo governo são necessários para levar avante o nosso país, até a uma sociedade sem classes, sem ricos e pobres. É neces-

sário que sejam um governo e um Estado dirigidos pela classe operária em aliança com os camponeses e com todos os canadenses que são vítimas dos grandes monopólios capitalistas...»

No capítulo que trata dos direitos dos membros do Partido se assegura a todos o direito de discordar de qualquer decisão sobre a política do Partido «contanto que tal membro do Partido, em sua atuação, apoie e trabalhe pela política aprovada, enquanto permanecer em vigor, e não se envolva em fracionamento ou qualquer outra at-

(Conclui na próxima página.)

BOLETIM DO DEBATE

Os Ensinamentos do XX Congresso Do PCUS e a Crítica Sem Princípios

APOLÔNIO DE CARVALHO

NUNCA se insistirá bastante sobre a importância e a riqueza de conteúdo do XX Congresso do PCUS. São características que todos os partidos comunistas e operários vêm reconhecendo e proclamando e que têm suas raízes no próprio avanço do socialismo em nossa época, sobretudo nos últimos 15 anos.

Já a guerra de 1939-45 levou a uma nova correlação de forças no mundo, favorável ao socialismo. A partir de então, esse processo não fez mais que acentuar-se. Os acontecimentos na China, na Alemanha, no Viet-Nam, na Coreia, o desenvolvimento dos regimes de democracia popular, o florescimento impetuoso dos movimentos de libertação nacional mostram o ritmo rápido desse processo. O socialismo passou a ser todo um sistema de âmbito mundial; e a desagregação do sistema colonial fez crescer uma imensa zona de paz, voltada contra os planos do imperialismo. Para o movimento operário e comunista internacional criou-se assim uma situação nova, com novos e imensos meios de ação, com mais amplas possibilidades estratégicas e, naturalmente, com novos problemas teóricos e práticos a debater e a solucionar.

O XX Congresso fez a generalização desse processo, definiu sua orientação geral, retirou as lições correspondentes. Daí, o significado mundial de suas teses e resoluções. Elas armam ao sistema socialista e a todo o movimento comunista e operário para novos avanços. A sua base estão as novas possibilidades reais, criadas objetivamente, de assegurar a convivência pacífica entre os dois sistemas, de impedir uma nova guerra ou de interrompê-la em curto prazo, de estabelecer caminhos diferentes para o socialismo, tendo em conta as particularidades e as tradições nacionais e o fator favorável de uma nova correlação de forças no mundo. O Congresso definiu também a base firme indispensável para a encarnação na vida dessas teses: as possibilidades novas abertas à unidade de ação, antes de tudo no seio da classe operária mas também entre essa e as demais forças de progresso, de democracia e de paz.

Este, o centro dos debates. Vinculado a ele, o Congresso denunciou e condenou os erros gravíssimos cometidos anteriormente, num período relativamente longo, em ligação com o culto à personalidade do camarada Stálin. Esses erros estavam já corrigidos no essencial e correspondiam a uma etapa já superada na vida do PCUS e dos povos soviéticos. Sua denúncia, era, de um lado, uma exigência normal da prática dos partidos marxistas-leninistas: sua prestação de contas, como um dever, perante a classe e perante as massas; de outro lado, uma exigência imperiosa da própria marcha para a frente do movimento operário e comunista a quem freavam as consequências do culto.

O XX Congresso é, assim, em todos os domínios, expressão da vitalidade e do avanço da ciência do marxismo-leninismo e do movimento comunista mundial. Ele marca um momento de transformações profundas em todo o mundo. Como em geral nas épocas de viragem, a interpretação e a assimilação de suas teses e a gravidade das revelações sobre o culto à personalidade poderiam acarretar, como efetivamente acarretaram, estranhezas profundas, duros choques de pontos de vista e, sob a pressão da luta ideológica, a tendência às posições extremadas e unilaterais. Mesmo a crítica que o Congresso chamava a desenvolver poderia, se não se apoiasse numa base de princípios, ceder à influência de ressentimentos e de sobrevivências nacionalistas; e levar a esquecer que, realizada já no fundamental, a correção dos erros e consequências do culto à personalidade é, entretanto, todo um processo em que todo o movimento comunista é chamado a colaborar.

Tudo isso era possível. Mas o XX Congresso tinha atrás de si um terreno firme e consolidado é também o ímpeto revolucionário que marca, objetivamente, nossa época. Tinha, antes de tudo, as grandiosas realizações do socialismo na União Soviética: a defesa e a aplicação das teses e princípios do marxismo-leninismo, no domínio da economia, do Estado, da ideologia e, em todo o período da construção socialista, também, integralmente na direção do Partido e do Estado; e em particular, na aplicação fiel, ampla e criadora do internacionalismo proletário: não só o desenvolvimento das teses de Marx sobre a questão nacional, sobre a unidade indissolúvel do patriotismo socialista e do internacionalismo, o enriquecimento do problema nacional e colonial e suas relações com a revolução socialista, a formação da nova doutrina sobre as novas nações socialistas, a denúncia constante do antagonismo inconciliável entre o internacionalismo e o nacionalismo burguês — mas também a solução jus-

ta do problema nacional, na URSS e em cada país socialista, a aplicação sábia, no essencial, da política exterior leninista do Estado Soviético; e ainda uma contribuição extremamente rica à formação dos partidos operários de novo tipo e à sua bolchevização, ao desenvolvimento do movimento operário e comunista e, assim, ao conjunto da luta democrática e de libertação nacional.

O PCUS trazia também ao Congresso, corajosamente e por sua própria iniciativa, não apenas a denúncia do culto à personalidade de Stálin, mas todo um balanço de experiências e realizações ligadas à correção, no essencial, e à superação de suas consequências: a restauração das normas leninistas de direção do Partido e do Estado, a elevação da atividade criadora das massas populares, o desenvolvimento da democracia socialista, o fortalecimento ulterior do regime social soviético. O XX Congresso contava também com a força material e a unidade moral, política e ideológica do sistema socialista. Essa unidade se apoia na comunidade de objetivos, numa base econômica comum — a propriedade comum sobre os meios de produção — e na natureza comum de classe, dos Estados socialistas. E num fundamento também comum para o desenvolvimento do pensamento teórico — marxismo-leninismo.

Este, o terreno firme, material e ideologicamente, sobre o qual se poderiam desenvolver, como continuam a desenvolver-se, em contactos constantes, os choques de opiniões e as discussões criadoras. O balanço de um ano mostra bem o desenvolvimento do pensamento teórico nas fileiras comunistas e a unidade crescente dos países do sistema socialista e dos partidos comunistas e operários em torno dos princípios do marxismo-leninismo, do PCUS e da URSS.

Era inevitável também que a propaganda imperialista se servisse para seus fins, dos debates e da autocrítica corajosa do PCUS.

O XX Congresso era antes de tudo a afirmação dos progressos do socialismo e da tendência à unidade das forças antiimperialistas. Por isso mesmo, chamava a um programa de defesa da paz e de colaboração internacional, e à compreensão realista da nova correlação de forças criada no plano internacional. A propaganda imperialista preferiu, porém, outro terreno. Para ela, o necessário, o urgente era debilitar a força de atração das resoluções do XX Congresso e desviar a classe operária de seu debate e da luta por sua aplicação. Era debilitar e dividir o sistema socialista, negar ou denegrir suas realizações, caluniar e deformar o conteúdo da política dos Partidos Comunistas e lançar o descrédito sobre as idéias do marxismo-leninismo. Para isso, os debates e revelações sobre o culto à personalidade podiam servir como uma luva. O problema estava em tomar como tema central as consequências negativas do culto à personalidade de Stálin, dar-lhes um caráter absoluto e atribuí-las ao regime e ao sistema em seu conjunto. O combate ao «stalinismo» serviria para desacreditar o PCUS, isolar a União Soviética, difamar os dirigentes dos Partidos Comunistas e Operários, negar os princípios do marxismo-leninismo e, com isso, a necessidade do Partido e da Revolução.

Uma condição essencial, nesse sentido, era a ruptura da unidade dos países socialistas e dos laços internacionais do movimento operário e comunista. Daí, o recurso e o estímulo ao nacionalismo burguês, às manifestações chovinistas. O internacionalismo proletário é a própria essência do marxismo-leninismo: combatê-lo, negá-lo, significaria debilitar o sistema, desarmar o movimento operário, negar a própria doutrina.

Esta a linha geral da campanha ideológica da reação imperialista. Uma posição nítida de classe, voltada, integralmente, para a luta de classes no plano internacional. Essa campanha, que continua, tem um centro: o Departamento de Estado norte-americano; seu objetivo é antes de tudo, isolar a União Soviética e o PCUS — isto é, o centro, objetivamente formado, do sistema socialista e do movimento operário e comunista mundial.

Uma campanha ideológica assim aberta exigia de cada militante comunista uma vi-

gilância de classe maior, a defesa intransigente de nossa ideologia, a preocupação permanente pela unidade do Partido, por seu fortalecimento, por sua capacidade de ação junto às massas. A experiência ensina que, nos momentos de viragem, é mais necessário que nunca zelar pelos princípios teóricos, pela pureza do marxismo-leninismo e pela coesão e vitalidade do Partido, tendo em conta seu papel na formação da ideologia e da política da classe operária, na superação por ela da ideologia burguesa e no desenvolvimento consciente pela democracia e pelo socialismo.

O imperialismo também contava com que sua pressão influenciaria a elementos vacilantes nas próprias fileiras comunistas. Entre nós, isso foi facilitado em boa parte pelo atraso longo e injustificado ocorrido nas discussões das teses do XX Congresso. A realidade é que alguns dos nossos camaradas passaram a analisar o XX Congresso sem assumir a devida posição de classe e, em consequência, deixando-se arrastar ao terreno escolhido pela reação. O início dos debates em nossa imprensa — antes mesmo do Projeto de Resolução do Comitê Central e, portanto, em violação aos Estatutos — mostra a pressa em abrir uma discussão que, invocando a necessidade da crítica e autocrítica, se cingia de fato fundamentalmente à discussão do culto à personalidade e de suas manifestações entre nós. Era, na prática, no próprio ponto de partida o abandono das posições de classe e de Partido.

Essa análise unilateral, que deixava de ver o que era essencial no XX Congresso, agravava-se também com a análise unilateral da atividade do Estado e do Partido na URSS: viam-se as consequências negativas do culto à personalidade — o que era necessário e justo criticar — mas dava-se a essas consequências o caráter de fatores permanentes, absolutizava-se, na prática, a parte que elas representam na atividade do Partido e do Estado, e negavam-se assim, na realidade, as grandiosas realizações da construção socialista. Viam-se os graves erros cometidos, num período determinado; mas silenciava-se sobre as condições e os fatores objetivos que as tinham tornado possíveis (como explicara já a Resolução de 30 de junho de 1956 do CC do PCUS). Silenciava-se ainda sobre as previsões de Lênin de que os erros seriam inevitáveis «em um problema tão novo para a história universal como a criação de um tipo de estrutura de Estado ainda desconhecido». Não se levava em conta que «a ditadura do proletariado se fazia pela primeira vez na URSS e que a ela cabia cumprir tarefas grandiosas e difíceis, realizar uma luta que nunca a história conhecera antes e que se fazia nas condições mais complicadas e por um caminho extremamente difícil». (Pravda, 22 de fevereiro de 1957).

Com centro exclusivamente na discussão dos erros do camarada Stálin, uma boa parte dos debates colocou-se, na prática, independentemente das intenções, no quadro da propaganda inimiga. Perdeu-se a visão de conjunto, a justa correlação entre os erros e os acertos. Deixou-se de ver o lado positivo, o qual, sendo o quadro geral da experiência soviética, representa um patrimônio universal, necessário e comum ao processo revolucionário de todos os países. A quem servia isso? É claro que vendo fundamental ou exclusivamente o lado negativo, levava-se água ao moinho dos que procuravam dilatar os erros de Stálin até o nível de todo o sistema socialista. Ora, negar a justeza do sistema, é negar a justeza dos princípios e da doutrina que ele encarna.

A negação dos princípios não foi entre nós um fato isolado. Tomemos como exemplo, o internacionalismo proletário, princípio básico que decorre das próprias condições de existência e da luta da classe operária contra o capital: aqui podem citar-se: as calúnias contra a URSS e contra o exemplo glorioso de conduta internacionalista cumprido pelo exército soviético na Hungria, a unilateralidade flagrante confessada de camaradas como João Batista de Lima e Silva, Quintino de Carvalho, Ernesto Luiz Maia, face ao PCUS (ou melhor: contra ele), assim como a desfiguração da

política exterior da União Soviética, a fuga às posições de classe na análise da questão nacional sob o socialismo; a posição de Osvaldo Peralva — pelo isolamento do PCB e pela ruptura de seus laços internacionais; e ainda a negação da URSS como pedra de toque do internacionalismo proletário, como centro do sistema do movimento comunista mundial.

É certo que vivemos um momento de viragem que exige de nós muito mais espírito crítico e autocrítico e muito mais coragem política. Sem desenvolver essa posição crítica, responsável, de militantes comunistas não ajudaríamos o nosso Partido na grande viragem a que nos chamam as condições e as tarefas do processo revolucionário em nossa Pátria e as teses do XX Congresso. Mais do que nunca, é necessário compreender que em toda a contribuição crítica há sempre um lado positivo — por pequeno que seja — e que ele é indispensável ao desenvolvimento do Partido. Não só o Presidium de nosso Partido — mas todos os que temos ocupado postos de responsabilidade — necessitamos dessa crítica, em particular contra os métodos falsos de direção adotados, à violação ou aplicação unilateral dos princípios e sobretudo quanto ao esforço insuficiente na superação das influências pequeno-burguesas, que, como o definiu o IV Congresso de nosso Partido «são a causa de todos os nossos erros».

Necessitamos desenvolver nosso espírito crítico. Mas isso não nos dá o direito de esquecer a luta de classes, sobretudo num momento em que a pressão do inimigo atinge — nos termos da recente declaração dos PPCC da União Soviética e da Bulgária, — o caráter de uma verdadeira intervenção ideológica. Não existe crítica «pura». A verdade é sempre concreta, como gostam de recordar alguns dos camaradas citados. Por isso mesmo, a crítica marxista está indissolúvelmente ligada à luta de classes, ao interesse e ao fortalecimento do Partido, às exigências e aos objetivos de nossa luta revolucionária. Por isso mesmo, é uma crítica baseada em princípios. O camarada Prestes o mostrou, com o máximo de clareza, em sua carta ao Comitê Central, transformada por este em resolução de nosso Partido. O marxismo não se define apenas por seu caráter científico — mas também, e sobretudo, por seu caráter revolucionário, por seu profundo partidarismo. Também no domínio da crítica, é dever dos comunistas colocar-se nas posições de classe e dentro da luta de classes. Só assim serviríamos ao Partido e à Revolução, isto é, à classe operária e ao povo. Eis por que a crítica comunista não pode ser negativa, nülista; não pode ser baseada no exagero dos erros, própria do espírito pequeno-burguês, alheio ao espírito de Partido e eivado de tendência ao sensacionalismo. Não se pode conhecer a realidade, ensina Lênin, sem a estudar em todos os seus aspectos e suas ligações — e eis por que a crítica marxista não se pode basear numa análise unilateral. A verdadeira crítica leninista — lembra a Pravda, de 22 de fevereiro — deve estar impregnada do espírito de criação. Ela não indica e condena os defeitos — mas também dá resposta às questões — que fazer? como fazer? para avançar. A crítica só leva a resultados positivos quando «se faz de posições de princípio, está impregnada de partidarismo comunista» e está voltada para a ação, para a luta. Como dizia Lênin: «proclamamos a liberdade de crítica, mas chamamos à necessidade de pensar sobre o conteúdo da crítica».

A crítica sem princípios, a crítica pela crítica, tão justamente condenada pelo camarada Prestes em sua carta ao Comitê Central, levou vários de nossos camaradas a esquecer e a negar alguns dos princípios fundamentais do marxismo. É o caso, entre outros, de Osvaldo Peralva, quanto ao centralismo democrático; de Carlos Duarte e Quintino de Carvalho, ao defenderem a crítica a qualquer preço, independentemente e acima dos princípios; de Caio Gabriel, com a negação, em particular, do princípio da hegemonia do proletariado; de Armando Lopes da Cunha, com a negação em essência da ditadura do proletariado, problema fundamental do marxismo.

Ora, não se pode separar o marxismo de seus princípios essenciais. Eles respondem à missão histórico-universal da classe operária, à sua ideologia, às suas características revolucionárias, ao tipo de partido que é o único capaz de plasmar essa doutrina na vida, à experiência da luta de classes já secular do proletariado. Esses princípios fundamentais formam um todo com a filosofia da classe operária. Violar, negar um deles, é deformar (Conclui na oitava pag.)

A Comissão Nacional errou em transferir a convocação de um ativo em conferência, atitude que, a meu ver, não tinha cabimento, porque nem todas as regionais estavam preparadas, nem, tampouco, sabiam com antecedência da convocação para Conferência. Ao que me parecia, fomos convocados para um ativo nacional da U.J.C., porquanto, se a convocação tivesse sido para uma Conferência, teríamos realizado uma de âmbito regional.

Mas isto se deu muito ao contrário do que pensávamos. Além de participarmos de uma conferência, tratou-se ali de questões que nem a Comissão Nacional tinha condições de tratar.

O próprio tema dentro do qual se desenvolveu a discussão foi o de dissolver ou não a U.J.C., formando-se dentro da conferência, duas tendências: a da maioria que defendia a dissolução; e a da maioria que defendia a manutenção da U.J.C., porquanto, se a convocação tivesse sido para uma Conferência, teríamos realizado uma de âmbito regional.

É preciso dizer que a Comissão Nacional não deixou de influenciar muitos dirigentes regionais, uma vez que para isso teve bastante tempo, sendo de acrescentar que já uns três meses antes da Conferência, a C.N. desceu aos organismos regionais um questionário, no qual já defendia claramente a dissolução da U.J.C.. Podemos dizer, mesmo, que, apesar de muito burocrático, o questionário em nada contribuiu para o esclarecimento dos dirigentes regionais e dos membros de círculos. Havia nele perguntas sem cabimento e de difícil resposta, o que nos dificultava conhecer a opinião dos militantes. Quase todas elas eram perguntas formais.

Mesmo que os círculos respondessem a todas aquelas perguntas, eles não estariam tratando de problemas que surgem em cada local. Nisto, não fariam mais do que responder a questões formuladas pela C.N. E foi esse um grande mal da Comissão Nacional, que não vivia a vida da U.J.C., estava fora da realidade, constituindo-se num grupo de camaradas que agia exclusivamente num trabalho de cúpula, acostumado a impor suas opiniões aos organismos inferiores, ficando cada vez mais sem perspectiva do novo que surge e se desenvolve. Nos últimos tempos a C.N. se viu, mesmo, incapaz de resolver os problemas juvenis e acabou achando, como única saída, a dissolução da U.J.C., violando, com isso, a opinião dos círculos e até mesmo de comissões regionais que não realizaram suas conferências para discutir o problema juvenil. Se isto houvesse acontecido, isto é, se se tivesse ouvido a opinião dos organismos inferiores, estes poderiam

Devemos Combater As Incompreensões da U.J.C.

CALE' DE OLIVEIRA COUTINHO

ter dado melhor e maior contribuição à II Conferência, desde que fosse convocada dentro das normas estatutárias.

Viu-se que a maioria dos delegados regionais à II Conferência não falou com palavras próprias, baseando-se no trabalho do setor onde atuava, mas, ao contrário, essa maioria foi envolvida pela discussão suscitada pela C. N., na própria conferência, discussão que se limitou ao tema predominante: dissolução ou não da U.J.C.

Esse foi um grande mal, que levou a Conferência a violar os estatutos da U.J.C., e passar por cima do C.C. do Partido que é quem devia, na realidade, tratar da questão.

O próprio documento aprovado pela conferência contém teses com as quais não concordo, apesar de ter participado na época, da opinião daqueles que defendiam a dissolução da U.J.C..

Por exemplo: o documento afirma que a camada estudantil é a única que tem consciência dos seus problemas e que, portanto, para ela devemos voltar todo o nosso trabalho. Isto, a meu ver, é falso. Se é verdade que o trabalho com os estudantes é importante, por constituírem eles uma camada intelectualmente mais avançada, é verdade também que não devemos e não podemos subestimar o nosso trabalho com os jovens operários e camponeses, não só porque constituem a maior parcela da juventude brasileira, mas também porque têm interesse de resolver os seus problemas. O contrário disso, seria cair do outro lado.

Realmente, os jovens operários e camponeses têm problemas a resolver, sentem os problemas de salários, de cultura de esportes, etc.; eles também sonham, da mesma forma que os jovens estudantes — sonham com percorrer o mundo a pé, com ser marinheiro, ser aviador, enfim, ser qualquer coisa na vida. Os jovens do campo, apesar de já estarem jungidos ao trabalho com a idade de 12 e 14 anos, até menos, de traçarem sua vida cedo demais, ainda assim gostam de esportes,

gostam de dançar, de cantar, de divertir-se. São coisas de todos os jovens, são sentimentos humanos generalizados a toda a juventude, sem distinção de estudantes, operários ou camponeses. Nós é que não temos sabido aproveitar esses sentimentos da juventude camponesa, os seus anseios, as suas reivindicações e não temos procurado esclarecer essa juventude do ponto de vista político, não temos compreendido que eles também são seres pensantes, que com eles podemos fazer um bom trabalho. A verdade é que esses problemas existem, mas nós não procuramos conhecê-los. Podemos acrescentar ainda, que nos Sindicatos Rurais está associada uma enorme massa de jovens de 18 a 23 anos de idade.

Outro ponto do documento com o qual não concordo é aquele do capítulo IV: «Mas apesar de todos os esforços despendidos, de alguns resultados concretos alcançados, no fundamental a U.J.C. não conseguiu cumprir seus objetivos para que foi criada». Esses objetivos só podemos alcançar na prática. A U.J.C. deu, nas campanhas passadas, provas de heroísmo e de abnegação para alcançar os seus objetivos. Mas, depois que se levantou a questão da dissolução da U.J.C., parece que tudo morreu, não se viu mais nenhum movimento feito por ela. Isso é bastante para mostrar a precipitação da Comissão Nacional, principalmente se se considerar que estamos num momento em que é necessário mobilizar a juventude brasileira para um grande movimento contra a cessação da Ilha de Fernando de Noronha para instalação de bases agressivas.

Essa posição da Comissão Nacional não consulta os interesses da juventude brasileira, mas, pelo contrário, facilita as manobras dos golpistas, uma vez que diminui a pressão de massas sobre eles. Por outro lado a Comissão Nacional está liquidando a U.J.C.. Sabe-se mesmo que diversos quadros regionais e nacionais foram ligados à produção, o que comprova que, na prática, está-se procedendo a liquidação da U.J.C.. Pergunto: Será que, do jeito que está a U.J.C., agora,

nós alcançaremos os objetivos que levanta o documento? Acredito que não.

Estamos na hora de mobilizarmos a juventude operária, camponesa e estudantil, bem como de todas as demais camadas, de fazermos discussões nos clubes de futebol, nos bales, nos departamentos juvenis das entidades de classe ou de caráter recreativo e cultural, e procurarmos as melhores formas de ganhar a juventude para um sentimento patriótico, levando-a a enviar cartas, abaixo-assinados, telegramas, afirmando o seu protesto contra a entrega de Fernando de Noronha, contra os atos reacionários do governo, contra as suas atitudes antidemocráticas, etc. Para essas posições podem ser conquistadas não somente as massas estudantis, mas também os jovens camponeses e operários. O que nos cabe, como jovens comunistas, é reforçar esse movimento, é apressá-lo, para o que se poderá utilizar elementos de massas quando necessário.

Hoje vivemos uma época em que o socialismo já se transformou num sistema mundial, em que a correlação de forças é favorável ao campo da paz, é maior o prestígio dos países que defendem a paz e os direitos dos povos; uma época em que o sistema colonial do imperialismo se desagrega, com as colônias se libertando do jugo imperialista e criando sua independência, dando um exemplo vivo a outros países coloniais para a sua libertação, pondo todo o sistema capitalista em desespero, a exemplo do que aconteceu com a agressão ao Egito pela França, Inglaterra e Israel. O que se viu não foi a derrota do Egito, mas a queda do governo de Eden, numa derrota vergonhosa, uma derrota do imperialismo. Por outro lado, os contra-revolucionários na Hungria foram derrotados pelo governo operário-camponês com a ajuda da URSS.

Estas e outras derrotas levam o desespero ao imperialismo, fazendo com que sua atuação se faça sentir sobre países dependentes ou semidependentes, com a instalação de uma rede de bases para teleguiados e outras instalações militares, visando levar a guerra ao campo do socialismo. Mas, o campo do socialismo é forte bastante para esmagar o campo do imperialismo, no caso de uma terceira guerra mundial. Para isso, mais uma vez chamo a atenção dos jovens comunistas, para não esquecerem a grande luta que temos pela frente. O futuro nos pertence. No caso de uma guerra, seremos os primeiros a ser chamados a dela participar. Cabe-nos mobilizar toda a juventude para a defesa do nosso território, para que seja expulso o imperialismo opressor de nosso solo e para que tenhamos e gozemos de completa independência.

Nos debates que se travam na imprensa democrática vêm sendo levantadas com bastante frequência questões relacionadas com o internacionalismo proletário. Alguns camaradas propõem a revisão de nossos pontos de vista sobre este princípio marxista, principalmente um dos seus aspectos mais fundamentais, a questão do centro dirigente do movimento operário mundial.

Pensando poder contribuir para o esclarecimento destas questões intervenho nos debates.

Começo por fazer algumas observações de ordem histórica. A própria burguesia quando lutava como classe oprimida teve a França como centro de sua luta revolucionária. Na França os revolucionários de todas as partes do mundo encontravam as melhores experiências e os melhores estímulos para o desenvolvimento de sua luta. «Paris — diz Lênin — foi não só o asilo, mas também a escola da burguesia ascendente».

A questão da força hegemônica no movimento operário surge com o próprio surgimento deste na arena da luta de classes mundial como força independente. Força dirigente do movimento operário mundial foi o proletariado inglês nas décadas de 30 e 40 do século passado; para ele se voltava o proletariado de todo o mundo. Porém o proletariado inglês descamba para o «Tradicionismo». O posto de honra no movimento operário mundial passa a ser ocupado pelo destemido proletariado francês; este esgota suas forças em duas revoluções derrotadas e o proletariado de um país economicamente mais atrasado,

O P.C.U.S. — Força Dirigente Do Movimento Revolucionário

ANDRE' AZEVEDO

a Alemanha, se põe à vanguarda do movimento revolucionário. O proletariado alemão era a força hegemônica da II Internacional. Com o desenvolvimento econômico da Alemanha o movimento operário é ali conduzido pelos líderes revisionistas ao charco do reformismo.

Conforme previa o próprio Kautski, o centro do movimento operário internacional transferiu-se para a Rússia, o país capitalista mais atrasado entre as grandes potências imperialistas da época. Vendo esta circunstância, Lênin dizia: «Temporariamente — se sobreentende só por um breve período de tempo, — a hegemonia na Internacional revolucionária do proletariado passou aos russos, assim como passou, nos diversos períodos do século XIX, aos ingleses, logo aos franceses e mais tarde aos alemães». Lênin via então a possibilidade do proletariado de um país mais desenvolvido passar à frente dos russos. Isso se conclui do pensamento de Lênin que vem logo adiante: «Em comparação com os países mais adiantados, para os russos foi mais fácil começar a grande revolução proletária, porém lhe será mais difícil continuá-la e levá-la até o triunfo definitivo, no sentido da organização completa da

sociedade socialista». Esta previsão de Lênin não se cumpriu.

A razão pela qual faço estas observações é demonstrar que a hegemonia no movimento operário mundial não é questão surgida agora, isto é, após o surgimento da U. R. S. S. como grande potência industrial socialista. E do mesmo modo que frente ao proletariado inglês, francês e alemão, anteriormente, hoje, frente ao proletariado soviético nenhum Partido perde sua independência e direito de crítica.

Portanto, a questão do centro dirigente no movimento operário internacional baseia-se em fatores objetivos do desenvolvimento social, nada tendo a ver com as insinuações chauvinistas que, maliciosamente, faz o camarada J. B. de Lima e Silva na VOZ OPERÁRIA, atribuindo-as ao camarada Carlos Marighela. Refiro-me à insinuação de que a compreensão da U. R. S. S. como centro dirigente do movimento revolucionário mundial, estabelece-se à base de relações de domínio e subordinação entre povos e nações, relações estas, próprias do sistema capitalista e impossíveis no sistema socialista, onde já foi destruída sua base econômica, a propriedade pri-

vada capitalista sobre os meios de produção.

Passo agora ao exame desta questão em nossos dias. A tese de Lênin sobre a revolução em um só país como resultado do desenvolvimento desigual do capitalismo, não pode ser desligada da revolução mundial. Lênin via a revolução em um só país como início e premissa da revolução mundial. Isto formulado sem deixar dúvidas ao estabelecer as tarefas da revolução russa: «Realizar o máximo realizável em um só país para desenvolver, apoiar e despertar a revolução em todos os países». Eis a essência da revolução socialista de Outubro.

A Grande Revolução Socialista de Outubro, contando com o apoio do proletariado mundial sem o que não teria vencido abriu a primeira brecha no sistema capitalista mundial; constitui não só a primeira etapa da Revolução mundial, mas também a base de seu desenvolvimento ulterior. Diz Stálin: «Criou um centro poderoso e aberto em torno do qual se coesiona o movimento operário mundial. A U. R. S. S. tornou-se a tribuna mundial do proletariado. Sua existência acelera a marcha da revolução por toda parte e assegura seu triunfo definitivo».

Os bolcheviques, encabeçados por Lênin, derrotaram os revisionistas da II Internacional, desenvolveram o marxismo e formularam os princípios estratégicos e táticos da revolução proletária na época do imperialismo, princípios estes obrigatórios para o movimento socialista em todo o mundo. Transcendendo os marcos nacionais a vitória do proletariado russo o firmou ainda mais no posto de vanguarda do movimento operário mundial. «A República Soviética, filha dileta do proletariado mundial, tornou-se sua brigada de choque» (Stálin).

Engels referindo-se ao proletariado alemão na década de 70 do século passado, dizia que estes mostravam-se bem preparados para ocupar o posto de honra na primeira linha de combate: «Se logo, duras provas ou grandes acontecimentos reclamarem deles maior valor, maior decisão e energia». Hoje, do proletariado soviético podemos dizer que deu estas provas reclamadas por Engels. Os trabalhadores e homens avançados de todos os países, orgulham-se das heróicas façanhas do povo soviético; na guerra civil contra a intervenção de 14 países capitalistas, vencendo as maiores dificuldades para construir o socialismo num país atrasado e destruído pelas guerras, e salvando a humanidade do terror fascista. Ninguém ignora estes fatos como também a grande ajuda prestada pela URSS ao movimento revolucionário, desde a fundação da III Internacional, quando Lênin, naqueles momentos mais críticos para a jovem república, dedicava a maior atenção à solução das questões prá-

ticas e teóricas dos Partidos comunistas que surgiam em novas bases até os acontecimentos de outubro de 1956 na Hungria, quando só a ajuda da URSS pôde evitar que esse país se transformasse em um satélite fascista dos imperialistas norte-americanos. Assim, só intencionalmente se pode contrapor a estes fatos — no sentido de negar alguns erros corajosamente corrigidos nas relações do PCUS com outros Partidos Comunistas, como o faz o camarada J. B. de Lima e Silva.

O PCUS acumulou tão ricas experiências que o põem em situação destacada entre os demais PC do mundo. Mais do que qualquer outro está em condições de generalizar as experiências do movimento revolucionário internacional como o fez no seu XX Congresso.

A transformação da Rússia atrasada na segunda potência industrial do mundo, dá confiança ao movimento de libertação dos povos e por isso mesmo a URSS é alvo dos ataques concentrados de todas as forças reacionárias que sabem que sua destruição é a condição fundamental para derrotar o movimento revolucionário internacional do proletariado e a luta dos povos coloniais e dependentes por sua libertação nacional. Ninguém tem dúvidas de que a simples presença da URSS impõe temor e respeito à reação em toda parte.

Desse modo, a questão do poder econômico da URSS tem grande importância, como levanta o camarada Marighela em seu artigo na VOZ OPERÁRIA n.º 399. Não só porque a principal influência sobre a revolução mundial é exercida pela URSS com os êxitos de sua política econômica, como também porque só uma poderosa potência industrial pode se manter frente ao imperialismo moribundo e por isso mesmo perigoso. Se manter em ofensiva e ajudando à manutenção das conquistas democráticas e a construção do socialismo nos países do campo socialista e ao movimento socialista e democrático em todo o mundo.

(Conclui na sétima página)

U. J. C. — Objetivos, Atividades, Orientação

PAULO DE LUCA

Antes de mais nada quero fazer algumas observações sobre a maneira que alguns companheiros vêm intervindo na discussão interna e externa da UJC. Diz o companheiro Jair de Oliveira em sua carta, publicada nos números 409 e 411 da VOZ OPERÁRIA, que os companheiros da D.N. fizeram seu informe a partir de uma idéia inicial e depois procuraram arranjar argumentos a seu favor. A mesma coisa me foi dita por outro companheiro dirigente, antes que fosse elaborado o informe da II Conferência: a decisão já está pronta; faltam agora só os argumentos. Entretanto, o próprio companheiro Jair, ao que me parece, tem a mesma maneira de proceder.

Torna-se quase evidente que os verdadeiros motivos estavam e continuam ocultos. Quando o companheiro Walter Pomar muda completamente de opinião, (opinião, realmente, uma vez que o companheiro é mestre em palavras e não em fatos), era de se esperar que ele esclarecesse os motivos que o levaram a isto, o que não aconteceu.

Lamenta o companheiro Jair que a Conferência não estudasse seriamente as teses levantadas. Não nego ao companheiro o direito de ter uma opinião, estranho apenas que o companheiro manifeste um antagonismo tão profundo em tão pouco tempo e com tão poucos argumentos. Se o companheiro tivesse concretizado aquilo que a Conferência deixou no campo do abstrato, muito bem. Entretanto o companheiro continua nos absolutos, embora já tenha percebido que um dos erros fundamentais da Conferência foi esse.

Dito isto, passarei a repetir e desenvolver algumas idéias já apresentadas naquela e noutras ocasiões. Em primeiro lugar deve figurar em nosso estudo os objetivos que deve ter a UJC, uma vez que qualquer organização é feita a partir de determinados objetivos e vive em torno deles.

Só se pode dizer que a criação da UJC em 1950 foi subjetiva ou não se tivermos em mente os objetivos para os quais ela foi criada. Aqui falharam a Conferência e os companheiros que se ativeram à questão. Toda análise sobre a UJC deve partir deste ponto; aliás foi o que fizeram os companheiros universitários no Distrito Federal.

Dizemos que a UJC foi criada subjetivamente, que durante seis anos foi sectária e não uma organização de massas como deveria ser, são coisas abstratas. Em princípio não é necessário que a UJC seja uma organização de massas, da mesma maneira que o Partido não é.

Neste ponto estou de acordo com o companheiro Jair sobre o caráter de vanguarda da UJC e sobre a relatividade de nossa ilegalidade, principalmente no que diz respeito aos estudantes, conforme já afirmei anteriormente.

Se partimos do ponto de vista que a UJC deve ser uma organização de vanguarda, orientada politicamente pelo Partido para mobilizar as massas da juventude para nossos objetivos estratégicos e táticos, a sua reorganização em 1950 não foi erro. Se esta missão foi cumprida ou não, isto é outra história. Mesmo porque é preciso saber se suas atividades foram condicionadas por este objetivo. Concentremos nossa atenção para a atividade destes seis anos de existência e procuremos averiguar se os responsáveis pelo trabalho da UJC procuraram conduzi-la neste sentido. Quais eram as tarefas realizadas, quais eram suas atividades essenciais? Procurou-se realizar um trabalho paciente de formação de quadros marxistas e de propagação do marxismo, procurou-se dar um conteúdo progressista a todos os setores de sua atuação? Creio que não e aqui é que está, a meu ver, a deficiência fundamental. Havia um plano de trabalho a longo prazo para se atingir os objetivos pré-fixados? Não, e nem mesmo o programa da UJC foi utilizado como guia para o trabalho. Aliando aquelas deficiências teóricas a esta deficiência prática, temos os motivos determinantes de nosso atraso.

Ora, é evidente que em tais condições e acrescentando-se os desvios causados pelo já famoso culto à personalidade não

se podia chegar a resultado mais positivo do que aquele a que chegamos. Entretanto, a resolução da Conferência fala em várias mudanças de métodos. Aqui é preciso voltar a insistir sobre as duas maneiras, concreta e abstrata, de se enxergar as coisas. Na UJC as coisas são geralmente enxergadas abstratamente, até agora. Ganhar as massas juvenis, aproveitar as condições favoráveis para realizar uma luta democrática e patriótica que una todos os setores da juventude, organizar a juventude para a defesa de suas reivindicações comuns, tudo é dito como se se tratasse de verdades eternas e absolutas.

Neste ponto chegamos à crítica do companheiro Jair sobre a questão de trabalhar dentro das classes e camadas da juventude. Se tem razão o companheiro, é preciso rever profundamente o marxismo. Visão da sociedade estruturada rigidamente em classes, e classes em luta, para o marxismo as atitudes do indivíduo são condicionadas pela classe a que pertence. Daí o estudo da luta de classes feito por Marx que indicou o operariado como a classe essencialmente revolucionária, e a fundação do Partido Comunista para dirigir esta classe para a revolução proletária ou socialista. O companheiro Jair, entretanto, acha que a juventude deve ser mobilizada como um todo. Ora, não é possível querer-se meter num mesmo saco estudantes burgueses e pequeno burgueses, operários e camponeses. O documento fala numa «tremenda carga de problemas a resolver». O companheiro Jair critica esta formulação, por abstrata, mas acaba aceitando-a para defender sua tese. Quais são estes problemas angustiantes? Realmente alguns problemas como o do salário igual para trabalho igual, entre operários jovens e adultos, o barateamento do livro didático, a extensão da legislação trabalhista para os jovens camponeses, etc. Mas serão estes problemas especificamente juvenis, em sua colocação e resolução? E serão problemas que interessem a todos os jovens, independentemente de sua classe e atividade social? (isto sem falar no fato de que geralmente estes problemas concretos não são colocados). Não me parece que se possa responder afirmativamente às duas questões, pelo menos por enquanto. Por outro lado, há muito mais laços de solidariedade entre operários jovens e adultos do que entre jovens operários e camponeses. Há mesmo muito mais solidariedade entre estudantes de diferentes cidades e Estados do que entre estudantes e operários, jovens, moradores do mesmo bairro ou cidade. Negar isto seria não somente negar o marxismo, com dados reconhecidos pela própria sociologia burguesa moderna.

A atuação dentro das classes e camadas, entretanto, não impede a direção centralizada, possibilitando, inclusive, a ação comum entre jovens operários, estudantes e camponeses em lutas concretas, caso em que se justifica a resposta afirmativa à pergunta anterior. Para que isto aconteça, entretanto, será necessário uma completa mudança em nossa maneira de compreendermos o trabalho de massas.

Por outro lado, não é possível negar que aquele estudo da Direção Nacional tenha grandes méritos. Um deles é a caracterização justa que faz do movimento estudantil, caracterização que até hoje não foi posta em dúvida. Outro ponto positivo e importante é a conclusão a que chega sobre os caminhos para o trabalho do Partido entre os jovens, a saber: a) conhecer a realidade da juventude; b) considerar o movimento estudantil como ponto de concentração do trabalho juvenil do Partido; e c) substituir o trabalho juvenil, de tipo geral, por um trabalho diferenciado, de caráter esportivo, cultural e recreativo.

Faço apenas ao último parágrafo uma ressalva, quanto à questão do recreativismo. Creio ser necessário combater a tendência que vem se manifestando em alguns militantes, segundo a qual basta que façamos um trabalho esportivo, cultural ou recreativo. Não direi que este trabalho seja inútil, mas ele só tem sentido quando nos facilita a atingir nossos objetivos. Fora daí, ele não só é inútil, como também nocivo, pois desvirtua totalmente nossa atividade revolucionária. Quanto a este problema, tornarei a falar quando tratar do problema dos estudantes.

Quanto à solução apresentada pela Conferência, dissolução da UJC e passagem de seus membros ao Partido, e depois da resolução do Comitê Central de nosso Partido, que resolveu manter a resolução de agosto de 1950 e proceder a um estudo aprofundado dos problemas da juventude, creio que o Partido deve concentrar seus esforços na classe operária, organizando-a e dando-lhe consciência de seu papel revolucionário, e deixando o movimento juvenil, principalmente o estudantil, a cargo de uma organização orientada politicamente por ele. Esta organização realizaria o trabalho diferenciado nas diversas camadas da juventude, de maneira centralizada.

Finalmente, creio que no momento atual é particularmente importante a luta intransigente em torno dos princípios de nossa atividade, principalmente no que diz respeito à unidade e à democracia interna. Hoje temos dificuldades não só para mobilizar as massas da juventude como até para mobilizar os militantes. Sei que isto é um fato muito grave, mas é necessário que o aceitemos, pois ele retrata uma situação real. Se quisermos vencer nossas dificuldades atuais, devemos agir com o máximo cuidado.

Devemos fazer com que todos os cargos de direção sejam preenchidos por meio de eleições realmente democráticas. Acredito que nunca se fará muito neste sentido. Sobre este ponto, aliás, conheço um exemplo ilustrativo. Companheiros de uma determinada organização levaram tão a sério esta questão que exigiram eleições com voto secreto e sem indicação de candidatos, para evitar a simples aprovação dos candidatos apontados pela direção ou pelo assistente. Ainda sobre este ponto acredito que é inadiável uma modificação na atitude que há muito tempo vem sendo tomada a respeito dos estatutos e do programa da UJC. Sei de um companheiro que desde que foi recrutado vem reclamando o exemplar que tem o direito e o dever de conhecer e aprovar. Recorreu o companheiro até à Direção Nacional, não tendo até agora conseguido nada.

Sobre a caracterização de liquidacionismo, não creio que isto seja inteiramente exato. Há, é certo, o perigo de negativismo que pode causar em nossas fileiras, neste momento especial que atravessamos, a dissolução de um organismo do Partido. Entretanto, é preciso notar que não se trata, e isto é evidente, de uma dissolução pura e simples. É negável o caráter positivo que apresenta, com a passagem de seus membros ao Partido. Além do mais, em certos casos é aconselhável a dissolução de organismos que se tornaram apêndices burocráticos. Tudo depende do caso concreto, não se pode combater a dissolução «em geral».

Dito isto, passarei à análise de alguns problemas de nossa atividade entre os estudantes.

Companheiros, creio ser necessário, após estas considerações iniciais, traçar algumas linhas que, a meu ver, devem constituir o centro de nossa atividade entre os estudantes, em particular aos universitários.

Em primeiro lugar, o trabalho dentro das entidades de massa deve ser o princípio diretor de nossa atividade. Isto porque é preciso partir do ponto de vista que a massa universitária ainda é, em sua maioria, «apolítica», ou seja, não possuem uma ideologia sólida, como é natural em se tratando de elementos em geral pequeno-burgueses. Assim sendo, será muito mais fácil atingi-los através de uma entidade representativa, mais ou menos recreativa, como são, em média, as entidades estudantis. Ganhar a confiança das massas como primeiro passo para organizá-las revolucionariamente.

Em segundo lugar, não podemos esquecer que temos um papel revolucionário a cumprir, que não somos quaisquer líderes estudantis, sem outros interesses senão a carreira. Somos, ou pelo menos devemos ser, revolucionários marxistas (comunistas). Se queremos dirigir o movimento estudantil e dar-lhe um conteúdo revolucionário devemos, em primeiro lugar, ter uma consciência marxista. Se isto não acontece, nós resvalaremos inevitavelmente para o empirismo, isto é, assumiremos uma determinada posição acreditando que ela corresponde à «realidade objetiva» e, depois do fracasso, faremos a «autocrítica». Se não possuímos um conhecimento teórico aprofundado, tanto sobre o nosso papel social, como sobre a estrutura social na qual o desempenharemos, não conseguiremos nunca sair deste jogo infantil, mas extremamente destruidor de energia revolucionária.

Em terceiro lugar, não basta que nós tenhamos consciência marxista e procuremos renovar constantemente nosso conhecimento sobre a realidade social. É não menos necessário que façamos a agitação e a propaganda de nossas idéias, dando aos elementos mais de vanguarda consciência de seu papel revolucionário e evitando que as massas mais atrasadas fiquem a reboque e se bandeiem para a reação. É preciso lembrar que a revolução é crítica teórica da sociedade e sua subversão na prática.

Lembremo-nos sempre que «sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário», como dizia Lênin. É indispensável à nossa condição de revolucionários nos apossarmos da teoria marxista, no que diz respeito à luta de classe e ao conteúdo de classe do Partido Comunista e suas relações com as classes em luta. Por outro lado, o marxismo não é um sistema acabado de respostas a todas as perguntas possíveis. É ele o método que nos conduzirá, se bem assimilado, à revolução e ao socialismo. Mas o marxismo não contém em si a política dos revolucionários, por exemplo, dos revolucionários brasileiros. É necessário que nós mesmos elaborem nossa própria doutrina política e econômica, baseados em dados retirados da vida nacional, em todos os seus aspectos, dependendo de nosso objetivo particular e não de preceitos e princípios gerais como o patriotismo, o nacionalismo, a moral sadia, a aliança operário-camponesa, a revolução socialista, etc. Esses conceitos só podem ser aplicados justamente se forem retirados da estrutura social e analisados criticamente. A teoria é mãe e filha da prática: mãe porque planeja as transformações a serem efetuadas e filha porque nasce de uma análise de elementos retirados da prática. A posição nitidamente marxista consiste em tomar sempre a teoria como ponto de partida para a ação e a ação como somente possível quando elaborada previamente na teoria.

A nossa incapacidade teórica de pensar de maneira marxista levou-nos a adotar posições inadmissíveis a revolucionários em relação não só a problemas políticos, mas filosóficos, morais, ideológicos, etc. Nossa atividade atualmente está, em grande parte, baseada não numa crítica concreta, mas em «posições de princípio», que além do mais não são nossas mas da burguesia. Para sair disto faz-se necessário um trabalho paciente de agitação e propaganda do marxismo, ao lado de uma volta imediata e firme de nossa atenção para o estudo concreto de nossa sociedade viva.

Sobre a questão do patriotismo, levantada atrás, talvez valesse a pena demorarmos um pouco mais. Não podemos apoiar esta luta sem mais nem menos, ou iremos criar condições para que apareça mais tarde um forte e arraigado pensamento burguês, completado por uma atividade de quadros eficientes a seu serviço. Ao mesmo tempo, não se forma uma mentalidade realmente proletária, como é de nosso interesse, com uma fraseologia que nada tem de proletária. Nem mesmo se pode dizer que há um patriotismo proletário. Quando falamos em «patriotas sinceros» ou «nos supremos interesses da nação», não damos disso nenhuma explicação que justifique tal existência. Se é necessário aproveitar a luta antiimperialista, cuja primeira manifestação é um sentimento confuso que a burguesia aproveita para fazer a sua propaganda patriótica, devemos dar conteúdo progressista a esta luta, fazendo dela uma manifestação consciente de uma vanguarda revolucionária e não uma reserva para a burguesia. Mesmo por que, em vista do já aludido atraso político de grandes setores dos estudantes, difícil será mobilizá-los a partir de uma posição sentimental. É necessário despender nossas forças no trabalho constante de esclarecimento das massas.

O PCUS — Fôrça Dirigente do Movimento Revolucionário

(Conclusão da sexta pág.)

A existência de um centro dirigente de tal importância é vital para o movimento revolucionário e para o proletariado, é uma enorme vantagem que à frente de sua luta esteja uma poderosa potência socialista que pode ajudá-lo incomparavelmente mais do que podiam anteriormente o proletariado inglês, francês, alemão e russo, antes da grande vitória de outubro de 1917.

Por estas e muitas outras razões é que todos os PP.CC. do mundo colocam como forma concreta do internacionalismo proletário a defesa incondicional da URSS. Mesmo quando surgem acontecimentos tão importantes como, por exemplo, a agressão imperialista à Coreia, a posição dos PP.CC. não muda, pois em tais casos o alvo principal dos imperialistas não deixa de ser a URSS e a defesa intransigente

da URSS se manifestava no exemplo citado concretamente na ajuda direta ao bravo povo coreano.

Os comunistas brasileiros orgulham-se de suas posições internacionalistas, as únicas que correspondem aos interesses da luta de nosso povo por sua libertação, pois não é possível sequer, em seu juízo, pensar na vitória dessa luta sem o apoio direto da URSS, de todo o campo socialista e de todas as forças que, no mundo capitalista, lutam pela paz, pelo socialismo e pela independência nacional.

Concluindo, expresse minha indignação por ver as páginas da imprensa democrática utilizadas para a divulgação de idéias revisionistas das nossas posições internacionalistas, as únicas que correspondem aos interesses da luta de nosso povo por sua libertação, pois não é possível sequer, em seu juízo, pensar na vitória dessa luta sem o apoio direto da URSS, de todo o campo socialista e de todas as forças que, no mundo capitalista, lutam pela paz, pelo socialismo e pela independência nacional.

(Conclusão da quinta pági.)
mar, negar a doutrina. Daí, necessariamente,
a queda nas posições de oportunismo, do re-
visionismo.

Na realidade, a luta contra os princípios
essenciais que marcam o caráter revolucio-
nário e o tipo de partido capaz de realizar
a revolução proletária é, em essência, uma
posição revisionista e liquidacionista. Não se
podem separar o nosso Programa e nossa dou-
trina dos Estatutos e dos princípios de orga-
nização do Partido — como não se pode, no
marxismo, separar a teoria da prática. O
centralismo democrático, por exemplo, é o
princípio central de organização, justamente
porque dele decorrem todos os demais prin-
cípios: unidade, disciplina, organização e ação
como um só homem, crítica e autocrítica.
Negá-lo, significa negar o Partido como or-
ganização revolucionária, como arma funda-
mental da classe operária, sem a qual o pro-
letariado não pode fazer sua revolução. O
mesmo se pode dizer da negação de um núcleo
dirigente do Partido. Lênin já advertia que
«sem uma dezena de chefes de talento (os ta-
lentos não surgem às cegas), de chefes
provados, profissionalmente preparados e in-
struídos por uma longa prática, que estejam
perfeitamente acordados entre si, não é possí-
vel a luta firme de nenhuma classe da socie-
dade contemporânea». («Que fazer?» —
«Obras escolhidas», tomo II, pág. 135).

Idêntica significação tem a colocação de
um sinal de igualdade entre a classe operá-
ria e as demais classes e camadas sociais a
partilha da hegemonia entre elas, o abandono
da idéia da hegemonia da classe operária,
seja na etapa da preparação de forças, seja
no processo da revolução. Só a classe operá-
ria é consequentemente revolucionária, só ela
é a classe de vanguarda de nossa época. Há
mais de um século que Marx e Engels o es-
creveram no Manifesto Comunista. O mar-
xismo vê a revolução como um processo úni-
co, sem isolar suas etapas. «A classe de van-
guarda — ensina Lênin — combate, ao mes-
mo tempo, pela revolução democrática e pela
revolução socialista». («Um passo adiante,
dois passos atrás» — cap. IV). Por isso
mesmo, a luta do proletariado pela conquista
e a consolidação de sua hegemonia abarca
a todo o processo da revolução.

Esse mesmo abandono do caráter revo-

lucionário da classe operária, de sua missão
histórica e universal, aparece também na ni-
velação das duas ideologias, entre naciona-
lismo burguês e internacionalismo proletário,
na atribuição à classe operária de caracte-
rísticas de força nacionalista, próprias de seus
aliados na frente de libertação nacional.
Qualquer recuo das posições de classe, ensina
a experiência, leva inexoravelmente às posi-
ções da ideologia inimiga, do nacionalismo
burguês. «Nacionalismo burguês e interna-
cionalismo proletário — ensina Lênin — são
duas palavras de ordem inconciliavelmente
hostis que correspondem a dois grandes cam-
pos de classe do mundo capitalista e exprime
duas políticas (mais do que isso — duas con-
cepções do mundo) na questão nacional». Não
basta ver o processo histórico em geral: é
necessário, para não cair no objetivismo
burguês, ver as contradições de classe, o
caráter das classes em presença, definir suas
ideologias e seus objetivos — e assumir cla-
ramente uma posição de classe e de Partido.

Uma posição bastante incoerente é a de
camaradas que, como Carlos Duarte, ao de-
fenderem intransigentemente o respeito ao
princípio da democracia interna, preconizam
o abandono de todos os demais princípios do
marxismo-leninismo, pois sua violação, como,
parece, considerariam, «é inevitável, num de-
bate democrático», em que são perfeitamente
cabíveis os «excessos da crítica e os aspectos
sem princípios da crítica e da autocrítica».

...

Abandono das posições de classe e do
espírito de Partido e, consequentemente, uni-
lateralismo, capitulação ante o nacionalismo
burguês, crítica sem princípios: eis, a meu
ver, fatores essenciais que levaram a vários
de nossos camaradas a ceder à pressão ide-
ológica do imperialismo, a abandonar o terre-
no real do XX Congresso, a negar alguns dos
princípios básicos de nossa doutrina e a cair,
em consequência, nas posições do oportunis-
mo e do revisionismo. A Carta de Luiz Car-

OS ENSINAMENTOS DO XX CONGRESSO DO PCUS E A CRÍTICA SEM PRINCÍPIOS

los Prestes chama-nos, porém, a trilhar ou-
tro caminho: a colocar-nos nas posições de
classe e de Partido; a defender o marxismo-
leninismo como nossa ciência social e como
unidade indissolúvel de princípios; a desen-
volver a mais vigorosa crítica e autocrítica
marxistas de nossa atividade partidária. E
também a estudar, de maneira criadora, a
realidade nacional em desenvolvimento; as
experiências e particularidades de nosso pro-
cesso revolucionário; a fundir a procura de
nosso caminho particular para o socialismo
com um maior espírito crítico, fraternal e
responsável, ante os partidos comunistas e
operários irmãos, ao mais alto espírito inter-
nacionalista e à integração sempre mais pro-
funda com o movimento operário e comunis-
ta internacional. Ela nos chama a dar maior

consequência e amplitude à unidade e à or-
ganização da classe operária, à base também
da análise crítica de nossas experiências; a
procurar e sistematizar os caminhos de ação
comum entre a classe operária e as massas
trabalhadoras do campo — e a aproveitar
todas as condições e todas as formas de luta
para isso; a tirar os ensinamentos de nossas
lutas populares, seus traços característicos,
as diferentes formas que apresentam; a for-
jar condições para criar no interior de nos-
sas pais uma correlação de forças sempre mais
favorável às classes e camadas sociais in-
teressadas na defesa da democracia e da inde-
pendência nacional e na marcha ulterior para
o socialismo.

A carta de Prestes reflete o essencial do
conteúdo do Programa do Partido e das teses
do XX Congresso do PCUS.

Ela nos chama a situar-nos no terreno
real do XX Congresso do PCUS e, assim, da
crítica e da autocrítica no seu justo sentido
marxista-leninista.

Considerações Sobre um Artigo

JOSE NAVARRO

O camarada Luiz Teles es-
creveu para a VOZ OPERÁ-
RIA um artigo onde tece con-
siderações sobre o atual de-
bate.

O referido artigo me pa-
rece elivado de tendência e
unilateralidade. Escrito com
certa sutileza, encaminha o
leitor desprevendo para as
conclusões unilaterais do au-
tor.

Passemos agora ao artigo
do camarada Luiz Teles. Lo-
go de início lê-se:

«O XX Congresso do P.
C. U. S., ao sistematizar ci-
entificamente a experiência
adquirida pelo movimento
comunista, democrático e pela
paz, no curso dos últimos
anos, chegou a conclusões
que constituem importante
ajuda para todos os comunis-
tas. O XX Congresso do P. C.
U. S. foi um sério estímulo para
a elevação do trabalho
ideológico em todos os PP.
CC. que, desde então com mais
intensidade, passaram a de-
dicar-se ao trabalho ideológi-
co, à aplicação criadora dos
princípios do marxismo-leninismo».

No trecho transcrito não
se vê uma única palavra
sobre a importante contribu-
ção dada pelo P. C. U. S. aos
demais partidos, denunciando
o culto à personalidade e
suas nefastas consequên-
cias. Pode-se alegar que isto
está implícito no aludido
trecho, mas, prosseguindo a
leitura do artigo, vamos nos
convencendo, aos poucos, de
que o autor quis escamotear
tão decisiva questão.

«Para nosso Partido (pro-
segue Luiz Teles) que, des-
de sua fundação luta pela as-
similação criadora do mar-
xismo-leninismo e que, apesar
das inúmeras dificuldades
motivadas principalmente pe-
lo baixo nível teórico e
pela bestimação do es-
tudo da realidade do Brasil
(o grifo é meu — J. N.) à
luz da teoria, nesse caminho
vem conquistando êxitos co-
mo os materializados no pro-
grama e nos Estatutos do
Partido, o XX Congresso sig-
nificou poderoso farol a ilu-
minar toda uma série de
erros e debilidades que, uma
vez sanadas, possibilitarão ao
Partido avançar mais rápi-
damente».

Ainda uma vez nem uma
palavra sobre o sistema do
culto à personalidade que,
como um conjunto de con-
cepções e de métodos falsos
deles decorrentes, entrou
de fato o desenvolvimento de
nosso Partido. Prosseguimos,
entretanto, a leitura atenta
do artigo de Luiz Teles. Che-
gamos finalmente ao ponto
onde ele examinando os
acontecimentos ocorridos na
Hungria, enumera o que, a
seu ver, foram as causas
desses acontecimentos. Entre
estas causas citadas por Luiz

Teles está o fato de não ter
o Partido dos Trabalhadores
Húngaros tomado nas mãos
com a necessária energia a
tarefa de se transformar num
destacamento verdadeiramente
de vanguarda e combati-
vo, de ter subestimado o
trabalho ideológico em suas
fileiras, de não ter dado um
combate mais enérgico ao
nacionalismo, de não ter si-
do suficientemente vigilante
contra os inimigos de classe,
de ter se deixado apanhar
desprevendo pela contra-re-
volução, etc.

Nem uma só vez o ca-
marada se refere aqui aos
métodos de direção da ca-
marilha Rakosi-Geroe, às vio-
lações da legalidade socialis-
ta, ao burocratismo no seio
do P. H. T.

Entretanto, o documento
oficial em que esse mesmo
Partido balança as causas
dos trágicos acontecimentos
na Hungria contém o seguin-
te:

«A camarilha Rakosi-Geroe,
com influência decisiva sobre
o CC. do P. H. T. e o gover-
no da República Popular da
Hungria, a começar de 1948
se afastou das bases de prin-
cípio do marxismo-leninismo.
Implantou na vida partidária
e estatal e também na
administração da economia
uma política sectária e dog-
mática, métodos burocráticos
de direção, que não admitiam
objeções. Esses métodos no-
civos acarretaram erros e
crimes extremamente graves,
... impedindo a ampliação
do democratismo na vida par-
tidária e social, etc. etc.»

Não se pode aceitar que
Luiz Teles não tenha lido esse
informe apresentado por Ja-
nos Kadar, e publicado na
VOZ de 19-1-57. O dirigente
do Partido dos comunistas
húngaros coloca mesmo es-
ses erros e métodos falsos
de Rakosi-Geroe, decorrentes
do culto à personalidade, co-
mo a primeira das causas
dos acontecimentos na Hun-
gria. É certo que, mais ad-
iante, o camarada Luiz Te-
les se refere às insuficiên-
cias relacionadas com o pe-
ríodo do culto à personali-
dade. Mas se limita a uma
rápida alusão de quatro ou
cinco linhas num artigo de
quase 800 linhas. Porque to-
do esse esforço do camara-
da Luiz Teles em escamotear
a questão mais debatida des-
ses últimos tempos, a ques-
tão do culto à personalidade
e de suas consequências, a
questão dos «métodos que
não admitiam objeções?».

O camarada Luiz Teles não
tem o direito de alegar que
deixou de tratar mais espa-
çadamente essas questões
porque outros já o fizeram
antes dele exaustivamente.
Isso seria aceitável se se tra-
tasse de um problema se-
cundário e seria, com muito

boa vontade, admissível se o
próprio camarada Luiz Teles
não tivesse condenado os que
fazem uma apreciação dos fa-
tos unilateral, não históricos
nem auto-crítica.

O camarada, ao desenca-
dear um justo ataque contra
o revisionismo (e estou de
pleno acórdio que é preciso
denunciar o revisionismo e
combatê-lo, não pelos méto-
dos «que não admitem obje-
ções» mas com a lógica, com
fatos, com argumentos) in-
corre, entretanto, numa posi-
ção falsa e está em desacór-
do com um documento im-
portantíssimo de nosso Par-
tido — o Projeto de Reso-
lução do C. C. — que colo-
ca na ordem do dia a luta
contra o culto e suas conse-
quências.

Se é certo que se deva
travar uma séria luta ideoló-
gica contra o revisionismo,
não é menos verdadeiro que
não se pode cessar a luta
contra o dogmatismo, uma
vez que, como disse Liu-Chao-
Tsi, «se afrouxarmos nossa
vigilância e nossa luta con-
tra ambos os lados, o inimi-
go não somente poderá ata-
car, como na certa atacará
nosso Partido exatamente do
lado que tivermos negligenciado».

O Jemíngipao, num impor-
tantíssimo documento, conclui-
do por sua vez, à luta si-
multânea em duas frentes,
tanto contra o revisionismo,
como igualmente contra o
dogmatismo, que tanto um
como o outro servem objeti-
vamente ao inimigo de cla-
sse. Ora, a luta contra o dog-
matismo (tendência mais ve-
lha, mais difundida e mais
arraigada em nós) que longe
está de ter terminado, que
apenas se inicia, é insepará-
vel da luta contra o culto
à personalidade. Entretanto,
o camarada Luiz Teles quan-
do, no final de seu artigo,
tece umas poucas considera-
ções sobre o dogmatismo, se
obstina em não indicar o cul-
to como a sua principal fon-
te ou pelo menos, como uma
de suas fontes mais impor-
tantes.

Assim, em todo o artigo
de Luiz Teles existe, a meu
ver, a preocupação de esca-
motear tão importante ques-
tão, cujo aprofundamento é
uma imperiosa exigência que
se coloca diante de nosso
Partido

Que ele omita ou negue a
influência nefasta do culto so-
bre o nosso Partido, ainda
varia. Mas que ele procure
diminuir o tremendo efeito
negativo que o sistema do
culto exerceu sobre o Par-
tido Húngaro dos Trabalhadores,
quando a própria dire-
ção desse mesmo Partido foi
a primeira a proclamá-lo, é
querer ser mais realista que
o próprio rei.

GRANDIOSA MANIFESTAÇÃO PATRIÓTICA O IV CONGRESSO NACIONAL DOS MUNICÍPIOS

(Conclusão da terceira pági.)
dada a extensão da legislação
trabalhista ao campo e o item
IX da «Declaração Municipa-
lista do Rio de Janeiro», apro-
vada pelo Congresso, exige
«solução urgente do problema
agrário, facilitando aos que
desejarem cultivar a terra a
propriedade de uma extensão
compatível com as suas possi-
bilidades».

As questões relativas ao en-
sino primário e aos serviços lo-
cais de saúde foram ampla-
mente discutidas, nas comis-
sões e no plenário, tendo sido
adotadas as seguintes teses:
municipalização do ensino pri-
mário e dos serviços locais de
saúde, salário mínimo regional
aos professores primários, cria-
ção de escolas Normais Regio-
nais, aumento de escolas rurais.

DEFESA DA SOBERANA NA-
CIONAL DE FERNANDO
DE NORONHA

Interpretando os sentimen-
tos e a opinião de todo o po-
vo brasileiro, de que são re-
presentantes nas respectivas
municipalidades, os congressistas
aprovaram por aclamação
as moções e resoluções de in-
teresse nacional propostas pe-
las comissões e pelo plenário.

Por proposta da 6.ª Comis-
são, foi aprovada sob entu-
siasmos aplausos moção a ser

dirigida ao Congresso e à Pre-
sidência da República no sen-
tido de que «o ajuste referen-
te à cessão de Fernando de No-
ronha seja submetido à consi-
deração do Congresso Nacio-
nal». O apoio à Petrobrás, a
Volta Redonda, à Electrobrás,
às diretrizes do Conselho Na-
cional de Segurança sobre a
política da energia atômica e a
moção de congratulações com
a atuação patriótica dos
deputados Dagoberto Salles,
Gabriel Passos e Seixas Dória
em prol dessa política, foram
aprovadas por aclamação, as-
sim como o apoio ao pronun-
ciamento do Papa Pio XII con-
denando as experiências com
as armas atômicas.

VAIADO O MINISTRO AL-
KIMIN E DERROTADA MO-
ÇÃO DE APLAUSOS AO GO-
VERNO KUBITSCHEK

Pertencendo embora, em sua
maioria, ao PSD, os prefeitos
e vereadores congressistas, co-
mo homens mais ligados, em
sua esfera política, aos inte-
resses populares, manifestaram
em várias oportunidades a sua
condenação à política antina-
cional e antipopular que vem
sendo conduzida pelo governo
Kubitschek. Não somente por
ocasião do debate e aprovação
das moções pela preservação
da soberania nacional tal re-

pulsa foi manifestada: foi der-
rotada a proposta do vereador
Xavier Cruz, de moção de
aplausos ao governo do sr.
Kubitschek e o ministro da
Fazenda, sr. Alkimin, depois
de insistentemente apartado
pelo plenário, foi vaiado quan-
do concluiu seu discurso ao
Congresso.

A LUTA PELA DIRETORIA
DA ASSOCIAÇÃO

Tendo ocorrido empate na
votação para a eleição da dire-
toria da Associação Brasileira
de Municípios chegou final-
mente o Congresso a uma cha-
pa de conciliação cabendo a
presidência ao prefeito de Be-
lo Horizonte, sr. Celso Mello
de Azevedo e a vice-presidência
ao sr. Yves de Oliveira
(presidente da Associação dos
Municípios da Bahia). Ainda
nesta questão ocorreu derro-
ta de um homem do governo:
o sr. Vieira de Mello, líder da
maioria, apoiava o sr. Yves de
Oliveira e pessoalmente dirigia
forte cabala em plenário.

IMPORTANCIA DO CON-
GRESSO

A tomada de posição de
2.500 congressistas de todo o
país em defesa de melhor dis-
tribuição das rendas fiscais,
pela reforma agrária e exten-
são da legislação trabalhi-
ta ao campo, pela preser-
vação completa de nossa
soberania, pela defesa de nos-
sas riquezas minerais e pela am-
pliação de nosso comércio ex-
terior a todos os países inclu-
sive URSS e China Popular, re-
vele, com eloquência, a ampli-
tude das forças democráticas e
patrióticas a profundidade e
o lastro imenso das lutas pela
independência nacional e pelo
progresso do país.

Impressão que os leitores esperam

LONGE DE MOSCOU

(em dois volumes)

V. AJAEV

A venda nas livrarias e pelo Serviço de Reser-
vas Postal. Pedidos à Editorial VITÓRIA Limi-
tada, Rua Juan Pablo Duarte, 50 - Sob. - Rio
- D. Federal.

O SENTIMENTO DE UNIDADE DOMINOU A I CONVENÇÃO DOS TRABALHADORES DO DISTRITO FEDERAL

Revisão imediata do salário-mínimo — Extinção dos latifúndios e distribuição das terras — Liberdade sindical e direito de greve — Importantes resoluções aprovadas na I. Convenção dos Trabalhadores do Distrito Federal pela contenção do custo de vida, em defesa da paz, pelo desenvolvimento industrial do Brasil

A 1ª CONVENÇÃO DOS TRABALHADORES DO DISTRITO FEDERAL, encerrada brilhantemente com o desfile de 1º de maio, aprovou resoluções de enorme importância para o desenvolvimento das lutas da classe operária brasileira em defesa de seus direitos e de suas reivindicações.

Surgida da idéia inicial de debater os problemas que hoje afetam a um dos mais importantes setores da indústria nacional — o setor têxtil — dentro da CNTI a reunião dos trabalhadores carioca foi o coroamento de todo um trabalho prévio de preparação, em que novas experiências surgiram e importantes conquistas foram alcançadas.

Da Convenção participaram: 39 sindicatos, com um total de 438 delegados; 13 federações, com 58 delegados e 3 confederações, com 5 delegados. Estavam presentes, portanto, 55 organizações, com um total de 501 delegados, eleitos especialmente para esse importante conclave. Lamentável foi o número muito reduzido de mulheres: apenas 5 delegadas.

Serviu de temário o Decálogo dos Trabalhadores, no qual estão contidas algumas das mais sentidas reivindicações das grandes massas trabalhadoras em nosso país.

Como foi preparada a Convenção

Quatro comissões foram organizadas, assim que a idéia se consolidou: diretora, de debates, propaganda e finanças. Essas comissões foram constituídas por elementos indicados pelos sindicatos, federações e confederações, formando um total de 45 pessoas. Elas trabalharam intensamente, durante todos os dias em que se realizou a Convenção.

Foi nos próprios sindicatos que se iniciaram os debates,

em torno dos dez pontos do temário: contenção do custo de vida, liberdade sindical, salário, hierarquia sindical, justiça e paz social, previdência social, fundo sindical, regulamentação do direito de greve, reforma agrária e desenvolvimento industrial.

Distribuído o temário aos sindicatos, estes convocaram os trabalhadores para debater os seus vários pontos. Depois de amplamente debatidos ouvida a opinião dos trabalhadores, foi eleita uma comissão para elaborar as teses que o sindicato iria apre-

sentar à Convenção. Estas teses foram submetidas à assembléia, e depois de aprovadas, elegeu-se a delegação do sindicato à Convenção.

Particularmente interessante foi o trabalho realizado pelos metalúrgicos e pelos marceneiros. O Sindicato dos Metalúrgicos realizou várias reuniões nas empresas, para discutir o temário da Convenção. Depois disso, foram eleitos cinco delegados, incumbidos de elaborar as teses, a serem submetidas à assembléia sindical. Já o Sindicato dos Marceneiros adotou outro processo: criou uma comissão de coordenação, que dividiu o Distrito Federal em 5 zonas, aquelas onde há maior concentração de empresas industriais. Assim se facilitou o contacto com as fábricas, diretamente. Ali onde não havia delegacias sindicais, a comissão de debates conseguiu obter o apoio de organizações populares, escritórios eleitorais, etc., e nas suas sedes se realizaram as discussões do temário da Convenção. Graças a isso, muitas e muitas fábricas puderam participar também dos trabalhos preparatórios da 1ª. Convenção.

Dezenas de teses foram apresentadas pelos sindicatos

Cada sindicato tinha direito a apresentar uma tese, sobre cada um dos pontos do temário. Assim, dezenas de teses foram enviadas à Comissão de Debates.

Funcionaram durante a Convenção, dez comissões — correspondendo cada uma a cada um dos pontos. Para cada comissão, foi eleito um presidente, um relator e um secretário.

Coube à Comissão de Debates fazer a distribuição das dezenas de teses enviadas pelos sindicatos, pelas várias comissões.

Como trabalharam as comissões? Vejamos um exemplo: a comissão de reforma agrária recebeu 19 teses. Antes da primeira reunião da comissão, o relator estudou cada uma das teses e, no fim, deu parecer sobre o conjunto das mesmas. Em seguida, foi eleita uma subcomissão para fundir todas as teses numa só, que seria sub-

metida à reunião da comissão e depois, ao plenário da Convenção.

E foi assim que mais 300 trabalhadores se reuniram regularmente nas dez diferentes comissões e debateram amplamente os seus problemas.

MANIFESTA-SE A CONVENÇÃO A FAVOR DA REFORMA AGRÁRIA

Constituindo um dos pontos do Decálogo dos Trabalhadores, a reforma agrária suscitou amplos e acalorados debates na 1ª. Convenção.

Dezenove teses foram apresentadas à Comissão, por 16 organizações sindicais. Apresentadas ao plenário, foram unanimemente aprovadas as resoluções:

— dirigir-se à Prefeitura do Distrito Federal e à Câmara de Vereadores, pleiteando a aprovação de uma lei que proíba a especulação imobiliária das terras do sertão carioca e faça a desapropriação e distribuição dessas terras aos la-

— recomendar aos sindicatos operários do Brasil que prestem todo o auxílio às unções dos lavradores.

— fazer aprovar uma reforma agrária, que tenha como base: extinção dos latifúndios improdutivos e a distribuição das terras cultiváveis aos lavradores (em primeiro lugar aqueles que cercam as ferrovias, rodovias e cidades principais de cada Estado e município); a aplicação da legislação sobre crédito agrícola, bem como a redução dos juros.

HIERARQUIA SINDICAL E FUNDO SINDICAL

Por unanimidade, a Convenção aprovou que "dentro de sua base local e de sua categoria, o sindicato é soberano, cabendo-lhe decidir, com plena autoridade, tudo que for atinente às suas lutas reivindicatórias, ao bem estar, cultura, educação, à evolução de sua categoria e nas relações de solidariedade com as demais".

Os delegados sindicais e os conselhos sindicais na empresa foram reconhecidos como o 1º elo da organização sindical dos trabalhadores.

Também por unanimidade, aprovaram os delegados lutar pela revogação dos arts. 589 e 590 da Consolidação das Leis do Trabalho, que regulam a

various de mal a dois mil cruzeiros.

Ficou demonstrado assim, que, se confiam em suas forças e se lançam à atividade, os trabalhadores podem superar as dificuldades e realizar seus congressos e convenções.

ESPIRITO DE UNIDADE — O FATOR MARCANTE

A realização vitoriosa da 1ª Convenção dos Trabalhadores do D. F. mostrou a possibilidade humana que existe hoje de concretizar o sentimento da unidade que domina no movimento operário brasileiro, apesar das divergências políticas ou doutrinais que possam existir.

O sentimento dominante, nos trabalhos da Convenção, foi o da unidade, e desejo de chegar a um acordo comum, em torno dos problemas que mais preocupam hoje as massas trabalhadoras.

A Convenção foi uma demonstração eloquente de como amadureceram em nosso país as possibilidades de ampliar e desenvolver as lutas da classe operária.

Ela mostrou como cresceu a combatividade dos trabalhadores e sua consciência política — os problemas que ali foram debatidos são a prova disso. Um exemplo convincente foi o enorme interesse despertado pelos debates



No clichê, vemos uma reunião da Comissão de Liberdade Sindical, uma das mais eficientes, durante os trabalhos da I Convenção dos Trabalhadores do Distrito Federal.

vadores, assegurando-lhes assistência técnica e financeira. — dirigir-se ao Parlamento Nacional, em favor da extensão da legislação trabalhista ao campo.

questão do Fundo Sindical. Decidiram que os 20% do Fundo Social Sindical devem reverter em favor das organizações sindicais e que o atual Fundo Sindical seja distribuído proporcionalmente entre essas organizações.

OS PRÓPRIOS TRABALHADORES CUSTEARAM A CONVENÇÃO

A 1ª. Convenção dos Trabalhadores do Distrito Federal foi realizada com as próprias forças dos trabalhadores. Foram as organizações sindicais, as federações, confederações e os sindicatos que custearam todas as despesas. Deve-se destacar, nesse sentido, a importância fundamental do apoio da CNTI (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria).

Cada federação contribuiu inicialmente com cinco mil cruzeiros e cada confederação, com quinze mil. Quanto aos sindicatos, sua contribuição

foi a reforma agrária, cuja necessidade imediata é sentida agudamente pela classe operária.

Nas moções aprovadas, os trabalhadores cariocas expressaram o sentimento de paz do povo brasileiro, exigiram relações com todos os países, medidas efetivas em defesa do desenvolvimento industrial do Brasil. A paz social, tão reclamada pelos patrões e pelo governo, só poderá ser alcançada — afirmaram os trabalhadores — se baseada na justiça, se forem liquidadas as injustiças sociais atualmente existentes.

O exemplo da 1ª. Convenção dos Trabalhadores do D. F. deverá ser seguida pelos trabalhadores de outros Estados. É uma demonstração eloquente de que a unidade sindical constitui hoje, realmente o centro de toda a atividade e da luta da classe operária brasileira, por melhores condições de vida e de trabalho.

REGULAMENTAÇÃO DO DIREITO DE GREVE

Considerando que o direito de greve, sem limitação, é um direito fundamental dos trabalhadores;

Considerando que todos os setores profissionais devem gozar deste direito quando, por outros meios de luta, não consigam as suas reivindicações;

Considerando que neste direito devem estar implícitas as greves reivindicatórias, de apoio de um setor a outro, de solidariedade etc. e, sobretudo, o direito de desencadeá-las e organizá-las de acordo com os interesses dos trabalhadores;

Considerando que a Constituição da República estabelece o direito de greve a todos os trabalhadores, sem nenhuma limitação;

Considerando, por fim, que o livre direito é reconhecido pelo nosso governo nos convênios aprovados na OIT, na Ata de Chapultepec e outros tratados internacionais,

Propomos: a) Revogação imediata do decreto antigreve 9.070, que é inconstitucional e fere um direito sagrado dos trabalhadores; b) que a 1ª. Convenção dos Trabalhadores do D. F. dirija-se à Câmara dos Deputados solicitando regime de urgência para o projeto de Lei nº 8455, apresentado pelo Sr. Deputado Aurélio Viana; c) que seja estudada a possibilidade de um adendo ao projeto nº 8455, com o objetivo de anistiar e reintegrar nas respectivas funções, com os direitos assegurados na Consolidação das Leis do Trabalho, todos os trabalhadores atingidos nos seus direitos pela aplicação do decreto 9.070; d) — que todas as organizações sindicais realizem uma campanha de esclarecimento e mobilização organizadas dos trabalhadores objetivando o apoio e a aprovação do projeto de lei nº 8455, do Sr. Deputado Aurélio Viana, no prazo máximo de 60 (sessenta) dias, sem prejuízo da revogação imediata do decreto 9.070.

(Moção aprovada por unanimidade pela Convenção).

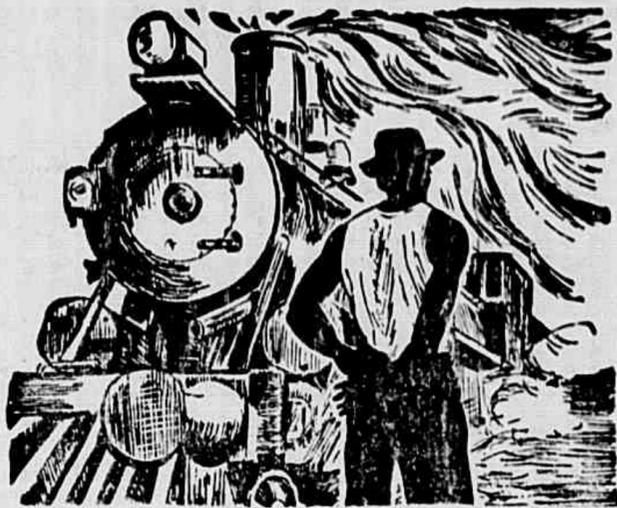
APÊLO AOS LEITORES E CORRESPONDENTES

A Redação de VOZ OPERÁRIA dirige-se a todos os seus correspondentes e leitores, do interior do país, pedindo-lhes que enviem reportagens sobre lutas operárias, camponesas ou populares, denúncias de violências ou arbitrariedades cometidas contra organizações democráticas, informações sobre a criação de novas organizações, experiências de luta em defesa das reivindicações dos trabalhadores e das massas populares, etc., etc.

Necessitamos de um grande número de correspondentes, em todo o país, para que a VOZ OPERÁRIA possa divulgar através de suas páginas matérias que ajudem realmente a seus leitores a conhecer os problemas que afligem aos trabalhadores e a maneira de combatê-los a sua solução.

Aqui fica, portanto, o nosso apêlo.

Continua a Luta dos Ferroviários



Com as galerias repletas de ferroviários, o Congresso Nacional manteve o veto de presidente da República a uma série de artigos do projeto de lei que cria a Rede Ferroviária Federal S.A.. O resultado final da votação, assegurava 165 votos a favor do veto e 118 contra.

Consumou-se assim a tradição do governo do sr. Juscelino Kubitschek de promessas solenes de resguardar os direitos e os interesses de centenas de milhares de ferroviários.

Em entrevista concedida

ao jornal carioca «Imprensa Popular», afirmou o presidente da Federação Nacional dos Trabalhadores Ferroviários: «Os ferroviários estão tomados de indignação e decepção. A aprovação do veto foi um ato político, pois houve intensa cabala nos corredores da Câmara, por parte da maioria, isto é, deputados do PSD e elementos reacionários do PTB. A deputada Ivete Vargas, eleita em São Paulo, que é o maior centro ferroviário do país, era quem mais cabalava».

Em sua II Convenção Nacional, realizada em abril último no Rio de Janeiro, os ferroviários manifestaram-se energeticamente contra esse veto e reafirmaram sua decisão de combatê-lo por todas as formas, recorrendo in-

clusive à greve geral para assegurar os seus direitos. Agora, trata-se de mobilizar todos os trabalhadores, para uma campanha de grande envergadura, em defesa dos artigos que foram votados.

Reunida em sua sede, a diretoria da Federação Nacional de Trabalhadores Ferroviários, imediatamente após a reunião do Congresso deliberou tomar providências, no sentido de cumprir as resoluções da II Convenção Nacional. Uma proclamação foi dirigida às organizações sindicais a ela filiadas, estabelecendo que fossem convocadas assembleias em todas elas, dentro do prazo de 48 horas, para aprovar as medidas que deverão ser tomadas. Por sua

vez, a União dos Ferroviários do Brasil — entidade patrocinadora da II Convenção — dirigiu-se às associações de ferroviários de todo o país para que se preparem para a realização da III Convenção Nacional dos Ferroviários, na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

Cabe agora à União dos Ferroviários do Rio Grande do Sul tomar a iniciativa e desencadear a luta nacional em defesa dos direitos dos trabalhadores das ferrovias, e contra os efeitos do veto. A unidade é completa entre os sindicatos e associações ferroviárias de todo o país. Todos estão dispostos a ir até a greve, em defesa de seus direitos, anulados pelo governo do sr. Kubitschek.

MAIO MARÍTIMOS PARA A GREVE GERAL

No próximo dia 14 de maio, às 00 horas, será deflagrada em todo o país uma greve nacional dos marítimos. Essa foi a decisão tomada por todos os grandes sindicatos da corporação, em manifesto lançado às autoridades, aos marítimos e ao povo e que reproduzimos abaixo:

AS AUTORIDADES, AOS MARÍTIMOS E AO POVO

A classe marítima há mais de um ano vem lutando pela padronização salarial na Marinha Mercante.

Em março de 1956, os Armadores, apesar de declararem que 25% de aumento tarifário bastariam para cobrir a pretensão de aumento salarial dos marítimos, obtiveram do governo mais 77%, isto é, tiveram um aumento tarifário de 102 por cento.

Os marítimos continuaram reivindicando a padronização salarial que lhes era devida e que os Armadores negavam-se a cumprir.

Em setembro de 1956 a classe marítima, diante da intransigência dos Armadores, deflagrou a greve, que foi suspensa após a assinatura de um Termo Aditivo que nos garantia 25% dos fretes para que fossem aplicados aos nossos salários.

Nomeada uma Comissão Pericial pelo Exmo. sr. Presidente da República, esta chegou ao resultado de que Cr\$ 81,40 por tonelada deveriam ser aplicados aos nossos sa-

O Chefe do Estado Maior da Armada, Exmo. sr. Almirante Renato de Almeida Guilhobel, como fiador e representando o Exmo. sr. Presidente da República na assinatura do Termo Aditivo, que pôs fim à greve de Setembro p.p., encarregou seu representante, o Comandante Adalberto Nunes de terminar o trabalho da Comissão Pericial e aplicar o resultado final aos salários dos marítimos.

O Estado Maior da Armada, após o término dos trabalhos, chegou à conclusão de que seria possível a padronização salarial na Marinha Mercante sem novo aumento tarifário.

O trabalho foi entregue em reunião Ministerial no Palácio do Catete, sem que até à presente data tenha sido fornecida nenhuma satisfação aos marítimos sobre o problema salarial dos mesmos e por esta razão encontra-se a classe cada vez mais descontente e sentindo que o impasse da solução justa e desejada cabe diretamente ao Ministério da Viação, que concorre assim para agravar cada vez mais a situação.

As Autarquias, devido ao descaso das autoridades, ainda não tiveram cumprida a Lei número 2.745 que garantia aos Marítimos Autárquicos um decreto do Executivo, estabelecendo-se um salário único nas autarquias federais, enquadrando-se as categorias, marítimas hierarquicamente.

Os quadros dos servidores das classes anexas, pertencentes às autarquias marítimas serão assinados no mesmo ato.

Em caso de os marítimos serem forçados à paralisação, será incluído um Termo de reivindicações da classe marítima.

Considerando que os marítimos aguardam há mais de um ano a padronização salarial;

Considerando que os Armadores obtiveram 102% de majoração tarifária em março de 1956;

Considerando que a Comissão Pericial apresentou seu trabalho e opinou favoravelmente aos marítimos;

Considerando que os marítimos já foram mais do que transigente adiando a greve «sine-die», resolvem:

«QUE A DATA PARA A DEFLAGRAÇÃO DA GREVE SERÁ DIA 14 DE MAIO ÀS 00 HORAS».

Rio de Janeiro, 6 de maio de 1957.

O Manifesto tem a assinatura de 40 organizações sindicais de trabalhadores do mar e está sendo divulgado pela imprensa de todo o país.

É indispensável que os marítimos, cuja combatividade e espírito de luta têm sido demonstrados tantas vezes, contem com a solidariedade ativa dos demais trabalhadores e da população brasileira, para que também desta vez sua greve seja vitoriosa.

Aumenta o Descontentamento Popular em Campina Grande

(Escreve nosso correspondente de CAMPINA GRANDE)

Fome e miséria no Curtume Sta. Adélia

Os proprietários do Curtume Santa Adélia, situado no bairro de Bodocongô, negam-se a pagar o salário-mínimo a seus operários. E além dessa ilegalidade, obrigam os trabalhadores a assinar a folha de pagamento, como se recebessem uma importância equivalente ao salário-mínimo, não aceitando quaisquer reclamações. Aquêles que reclamam contra essa brutal exploração, são dispersados, sem receber a indenização a

que têm direito. Isso aconteceu recentemente ao operário José Gonçalves de Assis, que foi dispensado ao reclamar o justo salário.

Não está sendo pago o salário-família

Novecentos funcionários do D. N. E. R., desta cidade, não estão recebendo seu salário-família, como estabelece a Lei n. 1765, de 18-12-952. Por essa razão, as famílias desses trabalhadores estão passando por maiores dificuldades ainda, em face do aumento constante do custo de vida.

Até agora, têm sido inúteis os apelos feitos às au-

toridades competentes, para solucionar o caso.

O governo não distribui sementes para plantio

O governo estadual abandonou por completo os agricultores pobres da região, apesar das abundantes chuvas caídas nestas últimas semanas. Até agora não foi distribuída qualquer quantidade de semente para plantio. Isso significa que as populações das cidades irão passar este ano pelos mesmos sacrifícios que se repetem anualmente: escassez de gêneros alimentícios e consequente carestia.

A NITROQUÍMICA EXPLORA O POVO DE SÃO MIGUEL

(Do correspondente)

Na cidade de São Miguel Paulista, vivem 70 mil pessoas sob a ameaça permanente de asfixia, por causa dos gases que são expelidos pelas chaminés da Cia. Nitroquímica, de propriedade do Sr. Horácio Láfer.

Os habitantes são explorados pela Cia., de diversas maneiras. Na cidade não existe água, custando Cr\$ 7,00 o garrafão; nos locais distantes há poços. No comércio, a exploração não tem limites: uma bicicleta que custa Cr\$ 3.600,00, é vendida aos operários por Cr\$ 9.500,00, com o desconto das prestações em folhas de pagamento.

A própria Cia. possui suas casas comerciais, como a Casa Jaraguá, que vende por preços alarmantes.

A Nitroquímica aboliu o salário-mínimo, inventando uma história de produção, o que resultou na prática em que milhares de operários, menores, recebem hoje apenas Cr\$ 900,00 de salário — ou no máximo, Cr\$ 1.500,00. Essas moças não poderiam de maneira alguma trabalhar naquela fábrica, pois trata-se de trabalho insalubre e elas vivem constantemente intoxicadas.

Além de tudo isso, não existe na cidade fiscalização, nem telégrafo — os telegramas seguem nos trens de carga e demoram até 10 dias para chegarem ao destino. Isso impede que seja feito qual-

quer pedido urgente de socorro.

Por todas essas razões, aumenta o descontentamento do povo de São Miguel Paulista e seu desejo de organizar-se e lutar para que se modifique uma tal situação.

Nova Associação de Lavradores

Já está funcionando, desde os primeiros dias de abril, a Associação dos Trabalhadores de Goianópolis (Goias), organizada para defender os interesses dos operários e trabalhadores agrícolas da região.

Em uma reunião bastante animada, da qual participaram dezenas de operários e lavradores, inclusive o presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Anápolis e um advogado da ULTAG, foi escolhida a primeira diretoria da nova Associação, que tomou posse na própria reunião.

Foi aprovado ainda o estatuto da entidade, do qual constam as suas finalidades, os direitos e os deveres dos sócios e o seu regulamento. A diretoria da ATLG já tomou providências para o registro da Associação.

A fim de festejar a data de Tiradentes, foi organizada uma grande festa de confraternização dos trabalhadores de Goianópolis, ocasião em que foi oferecido aos associados um churrasco.

VOZ OPERÁRIA

Diretor-Responsável

Mário Alves

MATRIZ:

Av. Rio Branco, 257, 17º and., s/ 1.712 - Tel. 42-7344

ASSINATURAS:

Anual	100,00
Semestral	60,00
Trimestral	30,00
Núm. avulso	2,00
Núm. atrasado	3,00
Aérea ou sob registro, despesas à parte:	
Preço no R. G. Sul, Sta. Catarina, Paraná, Distrito Federal, São Paulo, E. Santo e Belo Horizonte	2,00
Goias e interior de Amazonas e Territórios	4,00
Outros Estados	3,00
M. Gerais	2,50

SUCURSAIS:

SAO PAULO — Rua dos Estudantes, nº 84 s/ 28, 2º and. — Tel. 37-4983.
PORTO ALEGRE — Rua Voluntários da Pátria, nº 66, s/ 43.
RECIFE — Rua Floriano Peixoto nº 85 — 3º and. — s/ 326.
FORTALEZA — Rua Barão do Rio Branco, nº 1.248 — s/22 — Tel. 1-13-03.
SALVADOR — Rua Barão de Cotegipe, 67 — Edifício Zacarias, s/ 203 (Calçada)
JOAO PESSOA — Rua Duque de Caxias, 558 — 1º and. — Salas 3 e 4.

REAFIRMAÇÃO DE PRINCÍPIOS...

(Conclusão da quarta página) vidade que impeça ou dificulte a execução de tal política ou ameace a unidade e a solidariedade do Partido».

Reafirmação dos princípios marxistas-leninistas

A convenção julgou necessária uma reafirmação dos princípios marxistas-leninistas diante dos ataques que aos mesmos haviam sido dirigidos. A declaração expressou em quatro pontos tais princípios fundamentais:

1. A necessidade do poder exercido pela classe operária para conduzir a nação ao socialismo.

2. Um partido da classe operária na vanguarda da luta do povo.

3. O princípio fundamental de organização socialista — tanto no Partido da classe operária como no Estado socialista — o centralismo democrático, que significa a mais ampla democracia combinada com a capacidade de agir decisiva e unitariamente.

4. O grande princípio da solidariedade internacional da classe operária.

«Existem formas específicas de luta da classe operária canadense, como de ou-

tros países, que precisam ser levadas em conta. Mas de nenhum modo isso significa a negação das verdades universais da luta da classe operária e do movimento mundial pelo socialismo».

A convenção traçou as tarefas imediatas do Partido:

— Campanha eleitoral: o Partido sairá da Convenção diretamente para a luta eleitoral em união com outras forças progressistas, especialmente os membros das «tra-des unions» e movimentos camponeses.

— Experiências com armas nucleares: continuar após as eleições a campanha pela suspensão das experiências atômicas por todos os países.

— Escolas de verão: organizar em cada província, escolas de verão para estudar as decisões e métodos adotados pela Convenção.

— Imprensa: organizar a batalha para apoiar financeiramente a imprensa progressista e aumenta a sua circulação.

— Revolução de Outubro: o 7 de Novembro assinalará o 40.º aniversário da tomada do poder pelos trabalhadores da Rússia, um marco decisivo na história da humanidade. A palavra de ordem central de nossas celebrações será: «Coexistência

pacífica entre o Canadá e os países socialistas do mundo».

Contra o dogmatismo e o revisionismo

A Declaração rejeitou as propostas para dissolver o Partido ou diminuir o papel que ele deve desempenhar nos crescentes movimentos dos trabalhadores canadenses, e assinalou o fato de que os membros do Partido criticaram seriamente os graves erros cometidos na direção e na política do Partido. «A continuação dessa análise crítica é vital para o crescimento de nosso Partido» — afirma o documento.

A seguir, diz a Declaração: «Esta convenção reafirma nossos princípios marxistas-leninistas. Tal reafirmação deve ser o ponto de partida de um exame de nossa política e de nossa organização, com o fim de extirpar o dogmatismo, o sectarismo e os métodos burocráticos de trabalho. Devemos, urgente e constantemente, reforçar nossa direção com elementos jovens e promissores. Precisamos fortalecer a direção coletiva, combater a auto-suficiência, a intolerância de outras opiniões e a imposição de idéias como um substituto da discussão paciente e da persuasão».

Manifesto ao Povo de Niterói

O CZ DO PCB FOCALIZA OS PROBLEMAS DA CIDADE

O Comitê da Zona de Niterói, do Partido Comunista do Brasil, acaba de lançar um manifesto ao povo niteroiense, no qual aborda importantes questões da situação política dominante do país e orienta as massas populares sobre a maneira de se unirem e organizarem em defesa de seus direitos.

Inicialmente, descreve o documento a difícil situação em que se encontra a população da capital fluminense. Sendo Niterói uma cidade de cerca de 180.000 habitantes, vivem estes abandonados à sua própria sorte. Falta água, calçamento, esgotos, luz, escolas, transportes, assistência hospitalar, limpeza pública e execução de obras inadiáveis.

Nada menos de 16.000 casas não dispõem de instalações d'água. A falta de higiene constitui uma calamidade pública: ruas esburacadas, esgotos arrebentados e valas infectas. Falta transporte para vários bairros.

Existem apenas 170 escolas para mais de 50.000 crianças em idade escolar, além dos 40.000 analfabetos, apenas na capital do Estado. O custo do ensino, em todos os graus, é cada vez maior.

O problema da saúde pública é igualmente grave: apenas 71 leitos em 5 maternidades, para as 7.000 crianças que nascem anualmente. Para toda a população, existem apenas 1.400 leitos nos poucos hospitais.

Muitas obras públicas inadiáveis não são realizadas pelo governo. O porto de Niterói continua em precárias condições técnicas.

Por outro lado, a classe operária nas empresas é explorada desenfreadamente. As perseguições, a coação da polícia e a parcialidade da justiça a serviço dos patrões pesam sobre os trabalhadores. O salário mínimo não é pago até hoje em muitas fábricas e locais de trabalho. Os tecelões da "Manufatura Fluminense" sofrem perseguições de toda ordem, enquanto se agrava o desemprego em massa na indústria, no comércio, no SERVE, na Leopoldina e em outras empresas de transporte coletivo. Estaleiros de Ni-

terói estão ameaçados de total paralisação, e o governo prejudica a construção naval, reparando e adquirindo navios no exterior.

A política antipatriótica do governo Juscelino Kubitschek — acrescenta o Manifesto do CZ de Niterói — faz agravar o custo de vida. Esse governo capitulou frente às exigências norte-americanas, fechando organizações populares e entregando o território de Fernando de Noronha. Essa entrega afasta o governo de qualquer apelo popular.

Mais adiante diz o CZ de Niterói:

"É sabido, no entanto, que não há futuro para o governo e os políticos que se aliam aos interesses dos colonizadores e

fabricantes de guerra norteamericanos. O povo brasileiro jamais se curvará a imposições, como essa de entrega de Fernando de Noronha e não permitirá soldados ou bases estrangeiras em nosso solo.

Nessa luta patriótica, lançado à frente a classe operária, e nosso povo será vitorioso, derrotando o infame "ajuste" dos Srs. Juscelino, Amarel Falcão, Macedo Soares e outros entreguistas."

Finalizando, diz o documento:

"Niteroienses! O CZ de Niterói do PCB conchama todos a unirem esforços, cerrando fileiras na campanha patriótica contra a entrega de Fernando de Noronha. Saída a Câmara de Vereadores e a Assembléia Legislativa pela posição patriótica

em nossa luta a uma única frente. O povo de Niterói deve manifestar-se por todos os bairros, seja através de suas organizações ou de comitês no Parlamento, para que julgue e rejeite o ajuste de governo. As comissões de luta em cada bairro, com seus comitês, à frente das reivindicações da classe operária e junto a todo o povo, devem lutar as situações justas postas no problema.

O CZ de Niterói solicita o CZ do nosso Partido pela orientação firme adotada em defesa dos interesses do povo e da soberania nacional. Salve o 35º aniversário do PCB! Por um Brasil livre e independente. Nenhum soldado estrangeiro em nosso território; nenhuma base norte-americana em nosso solo!

Voz dos Leitores

CRUEL EXPLORAÇÃO

Na Mineração Geral do Brasil

(Do correspondente)

Na Mineração Geral do Brasil, situada na cidade de Mogi das Cruzes (São Paulo), trabalham aproximadamente dois mil operários.

É uma grande empresa, na qual os trabalhadores estão submetidos a uma dura exploração e ao perigo de sérios acidentes no trabalho.

lário atrasa todos os meses, no mínimo 6 ou 7 dias. Embora a empresa deva pagar no dia 10 ou 12, como está estabelecido, só o faz no dia 18 ou 19.

O mesmo ocorre com os vales, que são pagos uma semana depois do dia fixado para isso, causando sérias dificuldades aos trabalhadores.

te no trabalho e perder até mesmo a vida. Muitas vezes, não perde a vida mas vai para o hospital, todo machucado.

Enquanto os operários arruinam a saúde e gastam suas energias, os donos da empresa ficam cada vez mais ricos, sem qualquer preocupação em melhorar as condições de trabalho de seus operários.

MORTO SOB A PILHA DE LINGOTES

No dia 9 de abril, à meia noite e meia, o operário José dos Santos Filho morria debaixo de uma pilha de lingotes de ferro, ainda quente em brasa que pesava 10 toneladas.

Era um velho operário, de 50 anos de idade. Passava junto a um companheiro carregando uma pesada terna, quando a pilha desabou.

A causa do acidente foi o aumento de produção a que a empresa obriga os operários, dentro de um espaço muito pequeno. Além disso, força preciso, aterrar uma parte do leito e, sendo terra colocada recentemente, não suportou o peso e cedeu — daí o desabamento.

A culpa da morte do operário cabe à má organização do trabalho, por parte do chefe da seção, ao descaso da administração da firma, que não zela pela segurança nem pela vida dos que ali trabalham.

CONFERÊNCIA SOBRE PETRÓLEO

Na sede da Associação Comercial de Campina Grande (Paraíba), realizou-se no dia 23 de abril p. p., uma conferência do Deputado Federal Drault Ernani sobre «Petróleo».

Apesar da noite chuvosa, a assistência superlotou o auditório. A mesa foi composta pelo Dr. Newton Rique, presidente da Associação, deputado estadual Severino Cabral, um representante do Batalhão Ferroviário, vereadores Raimundo Asfora, Noaldo Dantas, Agaciz Almeida e Oliveiros Oliveira.

O conferencista historiou a luta em defesa de nosso petróleo, destacando a personalidade daqueles que deram a maior contribuição para a mesma e o papel importante desempenhado pelo Exército brasileiro.

Após a conferência, foram feitas várias perguntas sobre produção, consumo, qualidade, Petrobrás etc., que foram respondidas pelo Sr. Drault Ernani.

DONATIVO

Recebemos de um amigo e leitor da VOZ OPERÁRIA, no D. Federal um donativo em material de escritório, constante de: 12 lápis pretos; 1 lápis bicolor; 4 fitas para máquina de escrever; 1 caixa de clips. Agradecemos a oferta.

SUSPENSÕES E ATRASO NO PAGAMENTO

São comuns as suspensões de operários, por motivos injustos. O pagamento do sa-

DESPREZO PELA VIDA DOS OPERÁRIOS

Não é raro acontecer a um trabalhador da Mineração, sofrer um sério acidente



Salve o 35º Aniversário do P.C.B.!

Por ocasião do 35º aniversário do PCB, nosso leitor Darcil de Matos enviou-nos um artigo, intitulado «Salve o 35º aniversário do PCB», do qual publicamos os seguintes trechos:

«É com justificável alegria que comemoramos mais um aniversário do PCB. Esta é uma data que todos os verdadeiros revolucionários saudam com profundo carinho e respeito. No decorrer desses 35 anos a ciência marxista-leninista materializou-se, a classe operária da U. R. S. S. e o seu Invencível PC venceram os maiores obstáculos, derrotaram implacavelmente seus inimigos internos e externos, edificaram o socialismo e marcham gradualmente para a sociedade comunista — regime de abundância e bem-estar para o povo.»

«Festejemos o 35º aniversário do nosso glorioso PC, com entusiasmo, audácia e convicção, certos de que o futuro nos pertence.»

POSTA RESTANTE

CUIABÁ — Recebemos de nosso leitor Ambrósio Miranda de Araújo, procedente da Penitenciária Pública de Cuiabá, uma longa carta em que faz uma série de considerações a respeito do debate que se vem travando no PCB e da política seguida pelo governo de Sr. Kubitschek. Agradecemos.

PORTO ALEGRE — Alvaro Costano enviou-nos um artigo sobre a «Frente Nacionalista», em que diz, a certa altura:

«Mas não é só o patrimônio moral riograndense e, mais do que riograndense — brasileiro, que a Frente Parlamentar Nacionalista se propõe defender, é também a economia nacional, saqueada, neste momento, pelo Ágio dos dólares, pela imposição de não termos comércio direto com outros países, e não ser com os EE. UU., através de gangsterismo de seu Departamento do Estado. É a defesa do território nacional, com a recente entrega da Ilha Fernando de Noronha, sobre a qual já nos manifestamos pela imprensa diversas vezes; é a nossa indústria ameaçada, como Volta Redonda diariamente, Petrobrás, o trigo, o vinho, a carne e tudo mais que temos, incluindo-se, em manobra perigosa, a transformação das estradas-de-ferro, em empresas, quando os interesses do povo reclamam a transformação das companhias mistas ou não mistas em nacionalizadas e pertencentes ao governo e exclusivamente.»

GIORDANO BRUNO — Recebemos seu artigo sobre «1º de maio, trabalhista», que desejamos de publicar por falta de espaço. Agradecemos.

GERALDO RODRIGUES DE FREITAS (São Paulo) — Agradecemos seu artigo sobre a política do atual governo.

NAZARENO CIAVATTA — (Ribeirão Preto) — Acusamos recebimento de duas cartas, em que faz considerações a respeito de vários artigos publicados nos últimos boletins de debates. Agradecemos.

Comícios Nos Bairros de J. Pessoa Contra o Ajuste de F. Noronha

JOÃO PESSOA, (Do Correspondente) — A Comissão Contra o Ajuste de Fernando de Noronha vem realizando uma série de comícios nos bairros desta Capital. Durante o mês de abril foram realizados comícios em Cruz das Armas, Torrelandia, Roger e centro da capital.

Ao comício da Torre compareceram cerca de 2.000 pessoas, que manifestaram sua indignação ante a impatriótica política do governo federal, que entregou Fernando de Noronha. Nesse comício, falaram os deputados Jacob Frantz, líder da UDN; José Guimarães Rolim; Antônio Américo de Almeida. Falaram ainda líderes estudantis e o sr. José Isídio, presidente do PST, Seção da Paraíba.

Todos os oradores foram intencionalmente aplaudidos, especialmente o deputado Jacob Frantz, que entre outras coisas mostrou que o Brasil não pode esperar nenhuma vantagem da ocupação estrangeira. O orador mostrou o exemplo da Índia e da China, que foram socialmente oprimidas por outros países, sem que com isso lhes proporcionassem nenhum progresso. Brevemente agora, depois de se libertarem do domínio estrangeiro, é que aquelas países estão se desenvolvendo no sentido do progresso, particularmente a China que, de um dia para outro, se transformou numa potência de primeira grandeza.

No comício de Cruz das Armas, apesar das chuvas fortes, o povo não se retirou um instante do local. Com entusiasmo aplaudindo e apertando de os oradores, numa demonstração de patriotismo e de respeito ao entreguismo do governo de sr. Juscelino Kubitschek.

A Comissão Contra o Ajuste de Fernando de Noronha continua realizando os comícios, mobilizando e criando opinião pública contra o ajuste infame.

SAUDAÇÃO AO COMITÊ CENTRAL

Por ocasião do 35º aniversário do Partido Comunista do Brasil, a Organização de Base feminina em 8 de março do Distrito Federal, enviou uma saudação ao Comitê Central, em que se congratula com o mesmo pelo auspicioso acontecimento.

Apoio à Comissão de Inquérito

Por unanimidade, aprovou a Câmara Municipal de Apucarana (Norte do Paraná), moção dirigida aos Deputados Seixas Dória, Sérgio Magalhães e Dagoberto Sales, em que apoia a Comissão Parlamentar de Inquérito, constituída recentemente para examinar a política exterior do atual governo brasileiro e se manifesta contrária à entrega de Fernando de Noronha para instalação de base norte-americana de foguetes teleguidados.

Em toda a região do norte do Paraná realiza-se atualmente intenso trabalho de mobilização das massas populares contra a entrega de parte do território brasileiro aos militaristas ianques. Volantes estão sendo distribuídos entre toda a população, nos quais se transcrevem trechos de declarações de deputados federais, denunciando o ajuste sobre Fernando de Noronha, bem como de outras personalidades nacionais.

FESTIVAL DA PAZ E DA AMIZADE

Será na bela capital soviética o VI Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes — Moscou se prepara para receber seus jovens hóspedes — Patrocínio e organização do festival — Estarão presentes jovens de todo o mundo

OS JOVENS de todo o mundo preparam com entusiasmo as suas delegações ao VI FESTIVAL DA JUVENTUDE E DOS ESTUDANTES PELA PAZ E PELA AMIZADE, que se realizará em Moscou de 28 de julho a 11 de agosto próximos.

Festa internacional da mocidade, o Festival da Juventude vem reunindo, de dois em dois anos, um número crescente de jovens de todos os países, representantes de todas as profissões e atividades humanas, de todas as opiniões e correntes políticas ou filosóficas. Apesar da diversidade de línguas, nacionalidades, costumes e opiniões, encontram-se dezenas de milhares de jovens, dos quatro cantos do mundo, unidos pelas aspirações comuns de paz e amizade entre os seus povos.

Essa brilhante série de encontros da juventude mundial teve início no verão de 1947, na cidade de Praga, sob o patrocínio da

dos melhores artistas jovens de todo o mundo.

Certames cinematográficos, de poesia, literatura, exposições de artes plásticas,

sofrimentos para toda a humanidade.

Neste momento, em que a tensão internacional se agrava em consequência da política agressiva conduzida pelos círculos militaristas e belicistas norte-americanos, assume particular importância a realização do VI Festival da Juventude, não somente pelo seu significado, de paz e de amizade entre os jovens de todo o mundo, mas também porque ele terá lugar em Moscou, a bela capital soviética. Todos os jovens e principalmente os representantes norte-americanos, in-

os preparativos para assegurar o pleno êxito do certame. Além disso, as organizações da juventude soviética tomaram a si, como tarefa de honra, preparar a sua capital para receber condignamente os seus jovens hóspedes.

Para qualquer lado que se vá, nota-se agora em Moscou, a proximidade do Festival. Nos estádios, praças, piscinas, fábricas, clubes ou residências estudantis estão em andamento os trabalhos preparatórios. 350 conjuntos orfeônicos, 250 orquestras, cerca de 150 grupos de danças e ballet participarão do encontro, num total de mais de 25.000 jovens moscovitas que serão delegados.

Preparam-se também os estudantes da Universidade de Moscou. Seu clube artístico conta com várias seções: a de pintores ornamentará o edifício da Universidade; a de literatos prepara um livro de poesias e canções dos compositores e poetas universitários para o Festival; a dos trajes típicos trata do vestuário festivo dos estudantes. No estúdio de cinema está sendo rodado um filme «A Universidade de Moscou».

Novos clubes têm surgido, destacando-se os que ensinam as canções e a música de outros povos, preparam intérpretes e guias de conversação, estudam a história e os costumes de outros países.

Preparam-se os jovens em toda a parte

Em mais de cem países organizam os jovens as suas delegações e fazem a propaganda do festival e de seus objetivos. Não só na Europa, América e Ásia, cujos países se fizeram representar



Na grande Universidade de Moscou, os estudantes soviéticos trabalham intensamente na preparação do Festival da Paz e da Amizade.

expressivamente nos festivais anteriores, mas também em Berlim 102 delegados brasileiros estiveram presentes incluindo artistas, grupos folclóricos e esportistas de todos os Estados. No último festival, em Varsóvia, a representação brasileira contou com mais de cem delegados, incluiu várias associações e organizações estudantis e juvenis, artistas individuais e conjuntos como o Teatro Popular Brasileiro, de Solano Trindade. Levaram aos jovens de todo o mundo a nossa música popular e o nosso rico folclore, assim como demonstrações várias das artes e da cultura brasileira.

A juventude brasileira também apóia o festival e para ele se prepara com o maior interesse e entusiasmo. Apesar de todos os obstáculos e dificuldades, a representação brasileira vem crescendo em número e expressão a cada novo encontro. Em Praga foi o Brasil representado por 5 delegados, em Budapeste por 14. Já

Em Moscou também estarão os jovens brasileiros, estudantes, trabalhadores, artistas, esportistas, que levarão à juventude do mundo a mensagem de paz e os anseios de uma vida melhor e mais bela de toda a nossa mocidade.

Irmanados, os jovens norte-americanos e soviéticos, ingleses e malaio, franceses e argelinos, chineses, latino-americanos, egípcios, de quase todos os países da terra, mostrarão em Moscou, em julho próximo, que os seus povos querem paz e amizade, compreensão recíproca e fraternidade.



Exercitam-se para apresentar-se no Festival, os grupos folclóricos de toda a URSS

Federação Mundial da Juventude, reunindo cerca de dez mil jovens de 71 países. Em Budapeste, em 1949, teve lugar o II Festival, congregando 10.470 delegados de 90 diferentes países. Em Berlim, por ocasião do III Festival, reuniram-se 26.000 jovens de 104 países. No IV Festival, que se realizou em Bucareste, no verão de 1953, reuniram-se 30.000 delegados de 111 países, e em Varsóvia, em 1955, chegou a 35.000 o número de jovens delegados representando 114 países.

Durante os quinze dias de festival as delegações apresentam nos teatros, praças e estádios o que de mais representativo possuem seus povos nos terrenos da arte, da cultura e do esporte. As danças folclóricas, o ballet, o teatro, a música popular e erudita de cada povo são partes do programa de cada delegação, apresentadas ao Festival pe-

sucedem-se às competições esportivas em que tomam parte jovens campeões de todos os países.

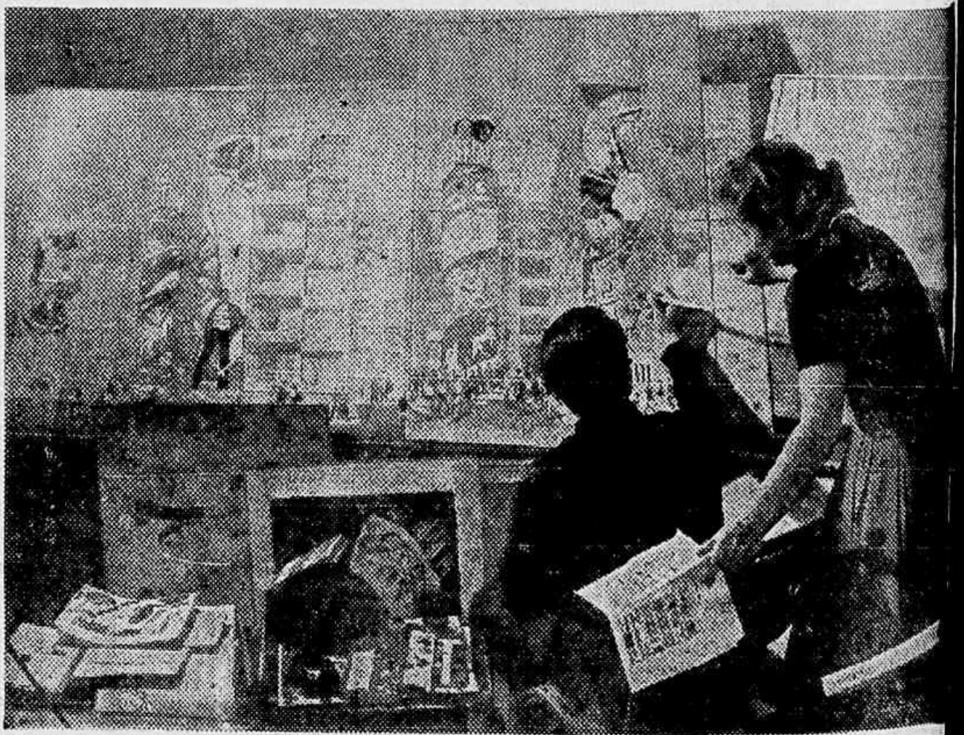
Nos encontros diários entre as delegações confraternizam todos os povos através de seus jovens representantes, trocam-se experiências e se estabelece intercâmbio que se intensifica de ano para ano, através de correspondência não só individual, mas entre as diferentes associações e organizações juvenis, sejam culturais, estudantis, artísticas ou esportivas.

Festas da juventude do mundo, em que se dão as mãos, cantam, dançam e trocam idéias dezenas de milhares de rapazes e moças de todos os países, têm constituído a mais eloquente demonstração de que os povos desejam ardentemente a paz, querem entender-se e conviver em harmonia e não destruir-se mutuamente em nome da guerra de incalculáveis

gules, franceses, alemães e dos demais países capitalistas, terão oportunidade de ver e sentir a vida dos povos e da juventude da URSS, sua preocupação de preservar a paz para prosseguir na edificação de sua nova sociedade socialista.

Moscou se prepara para receber seus jovens hóspedes

O Festival está sendo patrocinado e organizado pelo Comitê Internacional Preparatório, do qual participam personalidades de relêvo na cultura, nas artes e nos esportes de todos os países. Fazem parte do Comitê, representantes da Federação Mundial da Juventude Democrática, da União Internacional dos Estudantes e da Assembléa Mundial da Juventude Muçulmana. Uma Comissão Permanente, composta de representantes de vários países, está incumbida de todas



Jovens artistas de Moscou preparam a ornamentação da cidade, para receber em julho próximo os jovens de todo o mundo.